

S. PAULO

FEVEREIRO DE 1905

ANNO III

# Revista de Ensino

ORGAM DA

## Associação Beneficente

— DO —

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

*Publicação bi-mestral*

✻ NUMERO 6 ✻

S. PAULO

TYP. GUIMARÃES — RUA DOS PROTESTANTES N. 9

1905

Revista de Ensino

ORGAN DA

Associação Beneficente

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

Publicação bi-mestral

NUMERO 8

S. PAULO

TYP. GUIMARÃES - RUA DOS PROTESTANTES N. 9

1908

## Romão Puiggari

Deu-nos um dos dignos redactores da *Revista do Ensino* a honrosa tarefa de escrever algumas linhas sobre a individualidade de Romão Puiggari, o inolvidavel educador e homem de letras, tão cedo arrebatado á vida pela destruidora Atropos.

Acceptamos o encargo espinhoso, não só para acceder á gentileza do illustre confrade, como por se tornar opportuna a occasião de prestar a nossa pallida homenagem á memoria do bom amigo, do querido collega, do provector ex-director de uma das mais importantes casas de ensino publico da capital paulista.

Romão Puiggari, como professor e como amigo, soube elevar bem alto os creditos de seu nome. Mestre, era verdadeiramente, reconhecidamente tido como illustre, exemplar e delicado; amigo, possuia elle os thesouros das mais nobres qualidades.

Eis porque a sua morte prematura causou a mais dolorosa das impressões no seio da sociedade paulista e no coração de seus afeiçoados e discipulos.

Romão Puiggari, filho do Dr. João Puiggari, já fallecido, e de D. Rosa Puiggari Ysolá, uma matrona distincta e mãe extremosissima, nasceu na cidade de Vich, Hespanha, no dia 6 de abril de 1865.

Os seus primeiros estudos foram feitos em Barcellona. Já durante a frequencia das aulas primarias os seus dotes de intelligen-

cia se mostraram notaveis, firmes. Era um dos mais applicados e activos alumnos do modesto estabelecimento de ensino, e assim, não tardou a revelar extraordinarios progressos nos seus trabalhos espirituaes.

Em 1887, junctamente com a sua familia, veio Romão Puiggari para o Brazil.

Durante a viagem teve occasião de visitar importantes cidades como Buenos-Ayres e Montevideu, illustrando as suas precoces faculdades.

Fixando residencia na capital paulista, depois de ter residido em varias cidades do interior, o jovem Puiggari conseguiu collocar-se numa casa commercial como caixeiro. O commercio, porém, não o attrahia. Preferia seguir uma carreira intellectual, uma carreira que mais se casasse com o seu temperamento artistico, com a sua culta mentalidade.

Em 1886, prestou os exames necessarios para a matrícula do curso da Escola Normal, sendo em todos plenamente approvado.

Dous annos depois Romão Puiggari recebeu o diploma de professor normalista, honrosamente ganho.

Iniciou a sua nova e espinhosa profissão numa cadeira de Mogy-mirim.

Em 1891, o escriptor destas linhas começou igualmente a sua nobre carreira de educar a infancia, numa escola situada no bairro de Santa Cruz, municipio d'aquella pittoresca cidade paulista. Tivemos então o prazer de aper-

tar nos braços o velho amigo e collega.

Nossa amizade, que datava de poucos mezes ficára solida. Eramos companheiros de palestras, de passeios, inseparáveis emfim.

Que bello tempo!

A acuidade de recordações invade-nos o coração neste momento.

Puiggari tinha em Mogy-mirim enorme popularidade. Era um rapaz jovialissimo, francamente sympathico.

Alem dos arduos affazeres da sua escola, o Puiggari collaborava em jornaes da terra, ensinava particularmente e ainda dirigia um grupo dramatico infantil, composto de alguns dos seus alumnos.

Por essa occasião escreveu elle uma comedia — *O casamento civil*, que foi levada á scena pelo referido grupo, no theatro local. A peça despertou francos applausos, causando successo.

O Puiggari multiplicava-se: era ensaiador, auctor, contra-regra e ás vezes ponto.

E como se julgava elle feliz quando os pequenos recebiam as palmas dos espectadores!

Lembramo-nos ainda da commoção do nosso amigo, quando sob uma chuva de palmas e de bravos, foi elle chamado á scena, após a representação do seu interessante trabalho theatral!

Enthusiasta pelas letras, pelo palco e pela instrução da infancia, o Puiggari, ao retirar-se de Mogy-mirim, deixou a sociedade toda pezarosa pela sua ausencia. E' que elle era um dos optimos

elementos da alta roda, da elite mogy-miriana.

O provector professor Luiz Cardoso, escrevendo n' *A Comarca*, de Mogy-mirim, judicioso artigo sobre o saudoso collega, entre outras verdades, disse estas que, com a devida venia, transcrevemos:

«Estava elle exercendo as funções de professor publico na cadeira de Villa Marianna, nesta Capital, quando tivemos a rara felicidade de o conhecer pessoalmente. Mostrava-se então contrario á publicação de artigos de pedagogia pratica em revistas de ensino, condemnando assim a nossa «Escola-Publica», com toda a altivez de seu character independente e um tanto socialista. E esta convicção elle levou até o tumulto porque dias antes do seu fallecimento havia feito identicas referencias com relação a artigos publicados na «Revista de Ensino».

—Abolicionista convicto e republicano intransigente não podia tolerar que se quizesse aferrolhar a actividade do professor e do alumno nos moldes acanhados da fórmula, imprópriamente chamada—Socratica. E tinha razão—o espirito de iniciativa propria deve ser o característico fundamental do ensino moderno. Bem comprehendemos os intuitos d'aquelles que, como nós, tem escripto sobre tal assumpto; mas não deixamos de reconhecer o perigo, attenta a falta de comprehensão dos mesmos por grande parte de collegas nossos. Mecanisar-se professores e alumnos, não é de boa pedagogia.

O erudito senhor Gabriel Pres-tes, então director da Escola Nor-

mal, reconhecendo as qualidades geniaes de seu invejavel talento, convidou-o para assumir a regencia do 4.º anno preliminar da Escola Modelo annexa áquelle conhecido estabelecimento de ensino, onde permaneceu por muitos annos.

Dedicou-se tambem por esse tempo com vantagem ao ensino particular preparando numerosos alumnos para exame de sufficiencia á Escola Normal.

Removido por permuta, com o conhecido professor João Pinto e Silva, para o 1.º Grupo Escolar do Braz, ali exerceu criteriosamente o cargo de director durante quasi dois annos. Foi neste ultimo posto que o encontrou a morte».

\* \* \*

Romão Puiggari, como director do 1.º Grupo Escolar do Braz, prestou relevantes serviços a causa do ensino. Elle sabia adivinhar a intelligencia das creanças. Como educador, dera, tanto na *Escola Modelo Caetano de Campos*, como no *Grupo Escolar do Braz*, provas de um espirito observador admiravel. Sabia aclarar os espiritos incultos pelo emprego dos mais modernos processos de ensino. Emfim, Romão Puiggari, encarnava no seu mistér de preceptor, este principio do celebre Pestalozzi: «Discriminar bem as necessidades de uma idade, em que as faculdades mentaes não tomam desenvolvimento se não forem bem dirigidas e bem comprehendidas.»

Falemos agora do escriptor didactico. O espolio intellectual do illustre educacionista não é grande, mas é de grande valor, prin-

cipalmente para as escolas, professores e infancia estudiosa.

Eis os seus livros: *Cousas Brasileiras*, excellentes livros de leitura para o 3.º anno preliminar; *Album de gravuras*, interessante volume destinado ao ensino de linguagem; *Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leitura*, de collaboração com o distincto professor Arnaldo Barreto; *Quinze dias em Paris*, opusculo elegantemente burilado e que trata da organização escolar da legendaria capital do mundo.

Atravéz dos seus livros revela-se Romão Puiggari um escriptor cheio de imaginação, um perfeito artista da prosa e do verso.

No dia 5 de Dezembro de 1904, a Parca cortou-lhe o fio da existencia, em plena mocidade, aos 38 annos, apenas.

A cerimonia do enterro de Puiggari foi uma consagração.

Não podia ser mais commovente, mais solemne: todas as classes sociaes foram prestar-lhe a devida e ultima homenagem, notando-se sincera dôr em todas as physiognomias.

Ao ser o corpo do illustre professor depositado á beira do tumulto que o ia encerrar, pronunciou quem estas linhas escreveu, a seguinte allocução:

*Meus senhores,*

«E' em nome do Terceiro Grupo Escolar do Braz, que eu venho desfolhar os goivos da saudade sobre a compa d'aquelle que tanto se distinguio pelo seu character, pelo seu talento e pelo seu trabalho.

Tombou victimado pela Atropos o illustre collega, o inolvidavel amigo, o bello e resplendente espirito que se chamou Romão Puiggari.

Mas, senhores, se, como disse um notavel pensador, «a morte não pode ser a antithese da vida, porque, pela morte a materia não se destrõe, mas se modifica, o espirito não se desfaz, mas emigra, a luz não se apaga, mas foge, a idéa não se extingue, mas se transmite, a côr não se dissipa, mas se altera, o som não se perde, mas se transporta, a vida não acaba mas se transforma,» a bella alma do emerito mestre, cujo pó vai ser dado á terra—irá resplandecer em mundos felizes, e ourejados pelo manto da gloria! A instrucção publica do Estado de São Paulo muito deve aos esforços do saudoso professor, que inquestionavelmente foi um dos bellos ornamentos da classe que prepara o espirito da infancia!

Bom, no sentido puro da palavra, Romão Puiggari, tinha o dom de angariar amizades e sympathias! Assim, se possuia em cada collega um admirador, um amigo—em cada creança, em cada anjo das escolas tinha elle um sincero amiguinho!

Aqui, senhores, no mesmo Campo Santo onde dormem eternamente os corpos de Caetano de Campos e Cesario Motta—os dois evangelisadores do ensino publico paulista—vae repousar tambem o de Romão Puiggari, um dos que-

ridos discipulos do primeiro e dos mais operosos continuadores da obra do segundo!

Sim, o director estimadissimo e correcto do Primeiro Grupo Escolar do Braz, vem, em perpetuo repouso—descançar no Jardim da Morte, ao lado d'aquelles—que á instrucção prestaram assignalados serviços!

Senhores, foi uma surpresa cruel para todos nós que o amavamos carinhosamente, a noticia de sua morte!

Elle, o pobre amigo, foi fulminado pela lei fatal da natura, quando ainda estava em toda a plenitude de uma exuberante robustez! Robustez physica e robustez intellectual!

Senhores, o nome de Romão Puiggari ficará através dos seus excellentes livros didacticos!

«Não morreu de todo, pois.»

Aquella physionomia puramente sympathica e bôa, ficará gravada nos corações dos seus amigos, dos seus discipulos!

Repetindo a phrase de Duarte Azevedo, pronunciada sobre o tumulo de Alvarez de Azevedo—o genio paulista, direi para terminar estas linhas escriptas sob a mais dolorosa das impressões:—«Não o desperteis do seu somno: se o quizerdes ver, fazei como Haydêa—a grega, fechai os olhos e vel-o eis no coração.»

A *Revista de Ensino*, estampando á pagina de honra o retrato de Romão Puiggari, presta justo preito á memoria do seu saudoso ex-redactor-secretario.

No *Pantheon Pedagogico* desta publicação, fulgura, pois, com brilhantismo, a effigie querida do pranteado educador e homem de letras.

15—1—905.

Arthur Goulart.

## A vida subjectiva do professor Romão Puiggari

Todos os habitantes da terra são constantemente impulsionados por uma força necessaria que os eleva á obtenção de meios para attingirem melhores posições na existencia. A vida, que é o movimento, repelle a paralysação dos diversos membros de que se compõe o corpo. Dahi os movimentos dos orgams da vida de relação, vegetativa, etc. A' inercia oppõe-se a lei de Kepler, asseverando-nos que tudo é movimento no Universo. O equilibrio nada mais é que o resultado de duas ou mais forças iguaes e contrarias, actuando num ponto. Força é a vibração das molleculas de um corpo; logo o equilibrio é força e, portanto, movimento.

Desde a mecanica celeste até á moral, ultima sciencia segundo a classificação encyclopedica do egregio Augusto Comte, o movimento se manifesta.

Nas diversas classes sociaes a agitação para um estado melhor é patente; e isso se verifica das luctas que se travam incessantemente na superficie do Planeta, do pobre ao abastado, do leigo ao douto. O

plebeu quer enriquecer, o illetrado quer ser homem de letras.

E nesse pelejar sem treguas, a humanidade debate-se perennemente entre o bem e o mal, entre a fortuna e a miseria, demandando, neste estado anarchico por que os homens atravessam, com o attingirem outras concepções de elementos biologicos, melhores progressos em todos os ramos das diversas actividades humanas, que só poderão ser adquiridos por meio da sciencia.

E nem se diga que ella não é a redemptora do genero humano, porquanto, synthetisada em Comte no seu systema philosophico, ella resolve todos os problemas da vida de uma maneira categorica, completa.

E força é confessar que, hodiernamente, com a direcção scientifica dada á Pedagogia moderna, todos os olhares se voltam para ella, sem a qual, podemos dizer sem medo de errar, não ha salvação possivel.

Todas as religiões tendem a um estado mais positivo, remodelam-se, evoluem, porque a humanidade de outr'ora ja não é a mesma de hoje. Antigamente, ninguem tolerava um hereje, hoje o individuo pode adoptar a crença que muito bem lhe approuver.

Os homens progridem e com elles o Planeta.

A humanidade, diz Comte, marcha para um estado symphatico, synergico, positivo, porque toda civilisação começa guerreira e termina pacifica, industrial.

A propria poesia tende a ser scientifica, isto é, os poetas do

futuro terão que decantar somente o que fôr verdadeiro, edificante, em uma palavra tudo que trazer proveitos ao homem. E os poetas deverão ser então physiologistas com Zola, ou psychologistas com Flaubert; ninguém escreverá mais versos eroticos, sob pena de não ser lido. O poeta deve ser também um mestre que aos seus leitores alguma coisa ensine, porque tudo é progresso, tudo é evolução no Universo; e hoje a forma e a inspiração da poesia antiga já nos não convem. Só um phenomeno constituirá assumpto sempre novo para os poetas. A morte! o aniquilamento de todas as cellulas animaes e inercia vital!

Com a chegada della porém, cessa a funcção da vida objectiva ou presente e começa a vida subjectiva que perdura na consciencia dos vivos.

Os actos do extincto determinam o maior ou o menor realce ou, quiçá, o completo olvido daquellê que desapareceu do theatro da vida.

O professor Romão Puiggari, pertence ao numero daquelles que merecem todas as honras que soem ser conferidos aos eleitos da vida subjectiva.

E' credor de toda nossa estima e admiração porque, hespanhol de nascimento, elle soube prodigalizar á população de São Paulo o esforço de sua actividade, trabalhando em pról do ensino publico.

Pode-se mesmo dizer que, Puiggari, hespanhol, amou o Brazil como o melhor brasileiro, trabalhando no magisterio paulista.

Companheiro de Arnaldo Barreto, nas lides da literatura pedagogica escreveu, observando diversos methodos, obras didacticas que são adoptadas nos nossos grupos e escolas isoladas, porque revelam, no genero, muita erudição por parte do seu auctor.

Traduzindo algumas poesias do *Cuore*, de Amicis, o morto revelou também muita admiração pelas boas obras da literatura educativa.

No exercicio de suas funcções, isto é, no Grupo Escolar do Braz, aquelle mestre soube imprimir uma boa direcção áquelle estabelecimento, quando a morte veio sorprendel-o, arrebatando-o, não só de junto dos seus auxiliares e alumnos, como também, aos braços de sua extremecida familia.

O professorado de São Paulo sente conscienciosamente a morte de tão distincto professor, merecedor de todas as honras da vida subjectiva.

SATURNINO BARBOZA.

## A REVISTA

Fevereiro de 1905

Ha tres annos que a REVISTA DE ENSINO surgiu modestamente, reclamando um logar na imprensa paulista, afim de, como organ da ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PUBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, terçar armas em defesa da modesta, porém nobre classe do preceptor paulista, tão ludibriada em seus direitos e garantias, nos amargurados dias que atravessamos.

Não é, certamente, amplo o cyclo percorrido, mas observando-se hoje o estado de nossa instrucção e o do professor publico, nota-se que a acção modificadora da REVISTA não deixa de ser proveitosa.

Não queremos, todavia, dizer com isto que seja animadora a situação actual da classe. Mui pelo contrario; é ella precaria, mais do que nunca pejada de trevosos dias. Queremos dizer, e o afirmamos cheios de convicção, que a REVISTA concorreu muito para que a situação não seja, actualmente, mais dolorosa, e procurou, por todos os meios ao seu alcance, deter, na firme esperança de o conseguir, o fabrico dessas leis (?) de arrocho, postas em execução para fins politicos, avassaladoras dos caracteres, accessiveis á ignorancia, oppressoras do lar, onde a corôa do martyrio ciuge cabeças encanecidas no serviço da instrucção, flagellando corações que temem pelo pão de amanhã, e pelos andrajos que ameaçam cobrir o corpo dos filhos...

Não declamamos; todos conhecem as consequencias da lei vigente sobre instrucção publica, posta em execução no dia 1.º de Janeiro — satânico presente de anno novo...

Não censuramos os poderes publicos; mas estamos na firme persuasão de que ainda não comprehenderam nossos sentimentos: a grita do professorado, pela REVISTA, visa tão sómente o respeito aos direitos adquiridos em leis anteriores, de modo a poder fazer da Instrucção Publica de São Paulo um pedestal seguro, sobre que repousem a moral e o civismo de nossos vindouros.

Não se pôde negar, por isso, que a REVISTA é um organ revolucionario, que tem por fim encaminhar os principios evolucionistas de modo a salvar a Instrucção Publica paulista da decadencia que a ameaça, e evitar o abastardamento dos preceptores da infancia, amesquinados com leis (?) que visam a exploração politica e o rebaixamento do caracter, pela falta de garantias.

Todavia, não é a REVISTA DE ENSINO agente de discordia: é, pelo contrario, penhor de Ordem e de Paz. Quer oppôr, no terreno de ampla discussão, no limite do justo e do razoavel, nobremente, á luz meridiana, um paradeiro á invasão affrontosa de direitos augustos, adquiridos no labor fatigante e quotidiano de sagrado ministerio.

A esperança em um futuro melhor a incita a proseguir nessa rota, porque as leis (?) de compressão nem por isso, deixam de ser instaveis, como provisórias são todas as leis oriundas de legisladores imprevidentes, que desconhecem o meio para o qual legislam.

Dahi, a previsão da Revista: retempera atomos para martellar as massas.

Assim tem procedido, assim ha de, certamente, proceder; essa é a rota em que foi lançada pelas circunstancias: é um dos meios de que lança mão para defender a classe nestes dias tão obumbrados de nuvens negras.

Reconhecemos que tão profunda e radical transformação não será alcançada sem graves difficuldades:

a resistencia surgiu já e reaparecerá ainda mais forte porque, mau grado nosso, é preciso dizer a verdade, não menospresando o respeito e a veneração de que são dignos os que se devotam ao culto da verdade: o inverso disto seria confundir a idolatria do poder com a religião dos principios, seria a submissão de escravos.

Não, diremos com José Bonifacio, não; um nobre pensamento nos une; o campo é vasto, os horizontes alargam-se; defendemos todos uma grande causa, sustentamos um grande principio; queremos viver e morrer por elle.

Fica assim justificada a posição da Revista, ao findar seu 3.º anno de existencia. E' uma consequencia logica da situação anomala em que se acha a classe do preceptor paulista.

Julguem-na os homens de boa fé para os quaes appellamos; julguem-na as almas bem formadas, os corações sensiveis, os paes de nossos alumnos: razão, certamente, nos será dada.

\*\*

A REVISTA DE ENSINO não é sómente um organ dedicado á defesa do professorado. E' igualmente, um jornal pedagogico, um propugnador sincero da magna aspiração das nações cultas — a instrução do povo.

Neste sentido, sua marcha, qual annel de Polycrates, será sempre ascendente, avolumada por novas ondas, que crescerão, seguindo seu curso, ora lento, ora agitado, depositando no leito do tempo os detritos e impurezas turbadoras,

para só conduzir ao futuro agua limpida, crystallina, penhor seguro de uma epoca proxima, promissoras de melhores dias.

Assim continue a auxilia-a, com suas palavras benévolas, repassadas de animação, a imprensa, á qual enviamos, nestas modestas linhas, a expressão sincera de nossos agradecimentos e sympathias.

Ao dr. Bento Pereira Bueno, *alma mater* desta REVISTA; a Arnaldo Barreto, seu primeiro redactor, a ambos o sincero testemunho de nossa respeitosa admiração.

Ao professorado publico do Estado diremos: «O professor nos tempos modernos é o mais poderoso reformador social, e o agente mais fecundo da evolução de um povo. Por isso mesmo é que necessita de toda a independencia para agir e de toda a altivez para doutrinar.»

Si martyres houver nesta causa civilisadora e pacifica, bem digamol-os: é preciso ter fé; a classe ha de nobilitar-se pelo sacrificio de seus membros, vivendo quando elles vivem, para saber morrer quando elles morrerem.

GABRIEL ORTIZ

## ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

### Professorado Publico

Emquanto esta Associação estiver sob os cuidados da actual directoria, ha de trilhar a senda que mais convem aos interesses do professorado e aos progressos da instrução popular.

Antes de tudo, diremos a verdade, custe o que custar.

Ora, é incontestavel que para a manutenção desta instituição muito tem concorrido o governo do Estado, quer durante a presidencia do dr. Bernardino de Campos, quer sob o governo do dr. Jorge Tibyriçá.

Apezar de se ter limitado mais á parte beneficente do que aos altos interesses de ordem administrativa; á despeito de ter deixado no esquecimento durante alguns annos os males que poderiam advir de não ter intervenção nas diversas leis sobre ensino, que se succederam desde 1892, aos seus fundadores cabe a gloria de ter conseguido não fundar uma sociedade ephemera, mas uma agremiação que subsiste ha quatro annos e já hoje tem elementos para longa vida.

E' justo deixar aqui registrado que, tanto o governo passado como o actual, auxiliando esta Associação, não exigiram daquelles que a têm constituido o sacrificio de suas crenças politicas.

Assim é que os seus associados têm tido a liberdade de fazerem parte de diversos grupos politicos que têm apparecido em nosso Estado, sem que passasse sequer pelo espirito dos governos deixar de lhes conceder as salas que occupa no edificio em que funciona o grupo escolar do Carmo, como facilmente se deduz do seu procedimento.

E' tambem uma prova disto a subvenção á *Revista de Ensino*, que tanto tem concorrido para vulgarisar processos e methodos

pedagogicos, assim como para despertar, em artigos escriptos por Gabriel Ortiz, Emilio Arantes, Arnaldo Barreto, Puiggari, Ramon Roca, Pinto e Silva, Benedicto Galvão e outros, a attenção da classe para os defeitos da legislação escolar.

Comtudo, nem o governo, nem a Associação devem permanecer estacionados em meio do caminho que encetaram.

O primeiro só deve esperar que o professorado, contando com o seu apoio, se torne uma classe autonómica, capaz de desempenhar a sua missão social em uma republica, levando-o a pôr em pratica as reformas aconselhadas pela experiencia e por uma propaganda razoavel e desapaixonada.

O segundo, agindo conscientemente, não se ha de arvorar, por certo, em accusador systematico; ha de, sim, saber manter-se na posição de amigo leal e desinteressado, apontando os erros dos legisladores ou as injustiças de que por ventura seja victima, afim de que as auctoridades a que está sujeito possam corrigir os seus actos.

Cumpra, sobretudo, levar ao conhecimento do povo a instante necessidade de generalisar por todas as camadas da sociedade conhecimentos que têm fim educativo e são, por conseguinte, imprescindiveis a todo e qualquer cidadão. E além disso, deixar a descoberto a funcção social do professorado em face da civilização actual, funcção que o ha de elevar fatalmente á estima de que gozam todas as outras classes que exercem profissões

liberaes e aos altos cargos que, no entender de retrogrados energúmenos, ainda parece serem um privilegio.

Si, ao iniciar o seu 5.º anno de existencia, ainda pairar no espirito de alguns professores a duvida sobre a solidariedade que os deve ligar a esta Associação, estamos certos, tal é a confiança que temos nas idéas por ella adoptadas, que dentro em pouco nem mesmo isso terá razão de ser.

Não está longe o dia em que todos os professores do nosso Estado hão de agir como si fossem uma só pessoa, impellidos pelos mesmos sentimentos e pelo mesmo ideal.

N. da R.—Este e outros artigos que, insertos no presente numero da *Revista*, poderão acaso ser considerados inopportunos, deixaram de ser publicados em tempo, por haver o *Diario Official*, onde ella se imprimia, recebido ordem da secretaria do interior de não mais estar disposto o governo a prestar esse serviço a instrução popular e á Associação Beneficente do Professorado Publico.

## QUESTÕES GERAES

### Consulta ao Professorado

#### OPINIÃO

Correspondendo ao appello que o dignissimo sr. Presidente da Associação Beneficente do Professorado Publico dirigiu aos profissionaes do ensino, conforme sua circular profusamente distribuida, vimos hoje manifestar o nosso modo de pensar sobre a magna questão da reforma do ensino.

Era o nosso proposito nada escrever sobre o assumpto, aliás tão elevado, deixando essa nobre missão entregue aos mais competentes; mas, tendo observado que o numero de respostas tem sido pequeno relativamente aos professores que poderiam trazer para estas paginas o brilhante concurso das suas luzes, e não querendo tambem desprezar o objecto da circular que, por sua importancia nos garante a attenção que por nos mesmos não ousariamos esperar, resolvemos, porisso, tomar parte nos debates suscitados pelo sr. Presidente.

Apesar da circular acima mencionada dar margem a dissertações theoreticas, philosophicas e abstratas, todavia, daremos ao assumpto uma feição puramente pratica, dizendo com simplicidade tudo quanto nos occorrer, apontando as medidas que, em nossa humilde opinião, devem ser contempladas numa reforma geral de instrução publica, neste Estado.

Seria tambem de muito alcance que os collegas procurassem enviar com a possivel brevidade os seus pareceres á Directoria da Associação de modo a ser conhecida a media das aspirações dominantes na classe do professorado. A Directoria, por sua vez, de posse das respostas firmadas pelos profissionaes, completaria o seu trabalho, elaborando um plano de reforma que, depois de divulgado e discutido serviria de base a uma reforma definitiva. Talvez seja esse o meio mais pratico afim de chegar-se a um resultado satisfactorio. Mas, antes de tudo, é preciso saber, como muito bem ponderou um dos distinctos

collegas cuja opinião já foi publicada, si, de facto, o Governo estará disposto a accetar as bases lembradas pelo professorado, de'accôrdo com a propria experiencia e observação. Este é, sem duvida, um dos pontos capitaes, pois, de outra maneira estamos a perder o nosso precioso tempo.

Passaremos agora, a fazer ligeiras considerações sobre o assumpto, recordando algumas medidas de utilidade para a reorganisação do ensino primario.

A escola publica, acompanhando as leis da evolução social, não é mais apanagio e privilegio das classes nobres, conforme o exemplo dado pela antiguidade classica; vae pelo contrario, se tornando uma instituição democratica, preenchendo assim o seu fim que consiste em dar a todos os cidadãos uma instrução integral e tambem uma verdadeira educação.

E' inegavel que o Estado de S. Paulo, em materia de instrução publica, tem caminhado consideravelmente causando admiração aos demais Estados da União; entretanto, si não pudermos ir mais longe, convem não retroceder, procurando, ao menos, conservar o que de melhor possuímos na organização do ensino de accôrdo com a primitiva reforma realisada nos primeiros annos da proclamação da republica.

Mas, si a experiencia tem demonstrado que carecemos proceder a uma revisão nas leis de instrução publica, seria um dever patriótico e ao mesmo tempo uma medida de prudencia, que os legisladores

e todos quanto se interessarem pela questão, empregassem o maior develo e solicitude quando houvessem de propôr alguma alteração nas mesmas leis. Emquanto os projectos de reforma sobre instrução publica forem convertidos em lei, independente d'um estudo profundo, os resultados serão negativos concorrendo para augmentar a confusão que se observa na legislação escolar.

Por que motivo não se hade proceder em relação á instrução publica do mesmo modo que procedem quanto aos outros assumptos da mesma importancia, como por exemplo, a reforma judiciaria, que tem despertado a attenção do Congresso, d'uma maneira especial.

Por ventura, não é a instrução publica a base fundamental da organização social e do progresso das nações civilizadas? Portanto, não precisaremos lembrar, que, a todos os cidadãos que se interessam seriamente pela grandeza e prosperidade da Patria, incumbe — cooperar nas medidas das suas forças para que a instrução publica floresça e prospere cada vez mais, espalhando os seus salutaes effeitos por todos os recantos do Estado.

Antes, porem, de encitarmos qualquer reforma decisiva, precisamos attender a condição social e attribuições dos educadores, as quaes variam conforme os tempos e o estado das civilizações dos povos. Obedecendo as leis da evolução que regem a humanidade, devemos trabalhar pelo aperfeiçoamento e prosperidade da classe do professorado, transformando-a numa verdadeira carreira, em que

o trabalho, o merito e a virtude tenham a justa e merecida recompensa; em que as posições mais salientes sejam confiadas áquelles que mais amor revelem pelos estudos mais perseverança no trabalho e mais zelo no cumprimento dos deveres do magisterio.

Sim, para que a instrução publica seja uma realidade, e a escola mereça este nome, para que seja atraente, para que inspire affeição á creança e não repulsa e antipathia, é indispensavel, como disse alguém, que o mestre se considere feliz, garantido plenamente nos seus direitos, vendo diante de si honras e accessos que lhes impulsionem as aspirações que todo o homem deve ter para ser digno de existir, que considere tambem a sua missão a mais patriótica e humanitaria, a sua posição a mais nobre de todas as posições sociais.

E' preciso que os professores paulistas possam dizer como outr'ora os professores francezes, quando interrogados si estavam satisfeitos com a sua sorte, com a sua profissão e com os proventos que ellas lhes proporcionavam:— *Sim, estamos muito satisfeitos!*

Mas, para isso, é indispensavel que os nossos direitos sejam respeitadas e as nossas prerogativas restabelecidas, de modo que o professor possa viver tranquillo no desempenho da sua ardua missão.

Vejamos, portanto, quaes são as providencias que podem ser adoptadas, melhorando assim as condições do professorado.

Por um lado, o direito de vitaliciedade em toda a sua plenitude,

conforme as promessas incluídas na legislação vigente, de modo que o professor esteja ao abrigo de perseguição e violencias, podendo apenas ser demittido em casos especiaes previstos em lei, mediante processo administrativo em que tenha pleno direito de defesa.

Por outro lado, julgamos conveniente estabelecerem accessos ou promoções no magisterio, de maneira que o professor trabalhador tenha diante de si um horisonte vasto para exercitar a sua actividade, podendo ter como ponto de partida a escola isolada e como termo de suas aspirações, um logar no Conselho Superior.

Seria tambem de summa importancia que a classe do professorado pudesse conseguir um representante no Congresso Legislativo.

Do mesmo modo somos de opinião que, no plano de refórma não devem deixar no esquecimento os interesses pecuniarios dos professores.

Assim, para que o magisterio seja, de facto, uma carreira, é preciso que, a proporção que os professores exgottem o melhor das suas forças encanecendo-se nas lides do ensino, obtenham como recompensas augmentos parciaes de vencimentos. A esse respeito, a lei n. 88 — de 8 de setembro de 1892 foi equitativa estabelecendo o seguinte:

Artigo 58 § unico 1.º *No fim de 10 annos de exercicio, o professor perceberá mais a quarta parte dos vencimentos. (25%).*

2.º *No fim de 15 annos, perceberá mais a terça parte dos vencimentos. (33%).*

3.º *No fim de 25 annos, perceberá mais a metade (50%).*

Essa disposição, porem, foi derogada em 1899, em virtude da lei de orçamento, a titulo de economias.

Ora, uma vez que os professores não lograram escapar de semelhante desastre que, no dizer pittoresco d'um nosso illustre collega, foi um verdadeiro naufragio em pleno porto, seria bom que os legisladores adoptassem, ao menos, outro alvitre mais commodo para os cofres publicos e mais de harmonia com a justiça. Assim, com uma pequena dose de boa vontade, poder-se-ia conciliar as cousas da melhor forma, adoptando-se pouco mais ou menos a presente alteração:

a) *No fim de 10 de serviço, mais 10% sobre os vencimentos;*

b) *No fim de 15 annos, mais 15%;*

c) *No fim de 20 annos, mais 20%.*

Esta segunda tabella, confrontada com a primeira, offerece a vantagem de não acarretar grandes despesas.

A bem de interesses da classe torna-se necessaria uma nova lei sobre aposentadoria, de modo a haver certa uniformidade quanto as vantagens provenientes dessa medida, não acontecendo que uns obtenham aposentadoria em condições mui favoraveis, ao passo que outros, conseguem obtel-a com ordenado insignificante, apesar do tempo de serviço.

Daria tambem bons resultados o estabelecimento de monte pio obrigatorio, de modo que os professores pudessem assegurar ás suas familias, uma renda certa, em caso de fallecimento. Pois, si a aposentadoria aproveita ao professor ou funcionario que tem a infelicidade de cahir no estado de invalidez, depois de haver consagrado grande parte da sua existencia no serviço publico, o monte pio tem a vantagem não menos estimavel de garantir o pão áquelles que, d'um momento para outro, ficaram privados do chefe da familia. Não ignoramos que ha uma corrente de idéas contrarias a esta bella instituição de previdencia, mas estamos certos que ella dará fructos apreciaveis, espalhando beneficios incalculaveis, principalmente no lar d'aquelles que não tiveram a ventura de nascer na opulencia. Esta instituição virá por certo preencher uma lacuna, minorando muitos soffrimentos.

Si alcançarmos algum dia tudo isso, resta-nos a consolação de ter conquistado sensiveis melhoras para a nossa desprotegida classe.

Somos de parecer que as escolas publicas do ensino primario devem ser classificadas da maneira seguinte: Escola-Modelo — annexa á Escola Normal.

Grupos escolares.

Escolas isoladas.

Estas ultimas serão subdivididas em: a) escolas diurnas; b) cursos nocturnos para adultos; c) escolas mixtas. Quanto a respectiva localisação, as escolas isoladas funcionarão em bairros, cidades ou sédes de municipios.



O programma das escolas dos bairros deve ser igual ao das escolas urbanas, tendo tambem os professores os mesmos vencimentos visto o trabalho ser igual.

Relativamente ao processo de provimento das escolas isoladas, achamos alguma vantagem nas disposições constantes da lei n. 930 de 13 de agosto de 1904, visto dar em resultado o provimento de maior numero de cadeiras de bairros.

Cabe agora uma ligeira observação; eil-a: si as nomeações para as escolas isoladas são feitas mediante concurso, dando-se preferencia ás melhores notas, porque razão não havemos de acceitar o mesmo processo em relação ao provimento dos logares de adjunctos nos grupos escolares, garantindo-se a cadeira ao mais habil?

Para o cargo de director de grupo escolar devem continuar a exigir do candidato, pelo menos dois annos de pratica, de conformidade com a legislação actual e mais o conhecimento perfeito das leis sobre instrucção publica.

Outra questão tambem muito importante é sem duvida a inspecção escolar.

A observação tem demonstrado que o actual systema de inspecção, adoptado em virtude da lei n. 520 — de 26 de agosto de 1897, deve ser modificado: pois, numa extensão territorial de cerca de 290.876 kilometros quadrados, torna-se difficil e demorado o trabalho de visitas escolares, si considerarmos que nesse serviço são aproveitados poucos inspectores.

O resultado é que, na média, cada escola não poderá ser inspecionada senão uma vez por anno.

E, sendo a fiscalisação um dos elementos mais importantes numa organisação de ensino, será de bom aviso voltarmos ao systema de inspecção adoptado pela lei n. 88 de 1892, dividindo-se o Estado em tantos districtos, quantos forem precisos. Cada districto, porem, não deverá comprehender mais de 4 municipios.

Os inspectores, que serão nomeados livremente pelo Governo, d'entre os professeres de reconhecida competencia, e tendo pelo menos 5 annos de pratica como professores de grupo escolar ou 3, como directores desse estabelecimentos, perceberão os vencimentos que lhes forem fixados por lei, devendo exercer o cargo por espaço de 4 annos. O mandato de inspector poderá ser renovado, caso haja nisso conveniencia para a instrucção publica.

Esses funcionarios deverão residir na séde do respectivo districto, tendo como chefe o inspector geral do ensino, que será o intermediario nas suas communições officaes.

Pelo lado economico, o augmento de despesas que pode acarretar este systema de inspecção, será insignificante, em vista das suas vantagens para o ensino.

Alem de outras attribuições, que serão discriminadas no respectivo regulamento, ficarão os inspectores encarregados de attestar o exercicio dos professores do districto.

Outra instituição que tambem deve ser restabelecida é o Conse-

lho Superior, porem, com melhor organisação afim de corresponder aos elevados fins que motivaram a sua creação. O conselho superior tem a vantagem de reunir em torno do Governo as capacidades profissionaes e technicas corporificadas em uma colletividade de homens cujos nomes são portadores de uma responsabilidade profissional.

E' um orgam de inteira conveniencia ao lado do Poder Executivo, e cujas vantagens praticas são hoje reconhecidas em todas as legislações escolares das nações que nos tem servido de modelo em materia de ensino publico.

Ha outro assumpto não menos importante e que desperta a nossa attenção, queremos nos referir á formação de novos professores.

O Estado mantem actualmente, além da Escola Normal, diversas escolas complementares, que produzem, na média, 300 professores annualmente.

Ora, si considerarmos attentamente as nossas condições financeiras e consequentemente as verbas consignadas nas leis do orçamento para a nomeação de novos professores, veremos que apenas a terça parte desses jovens mestres poderá obter, durante o anno, provimento no magisterio, ficando muitos ainda á espera de logares.

Assim, pois, o numero de professores em disponibilidade tende a crescer consideravelmente, por falta de prompta collocação.

Ha uns dez annos, mais ou menos, tinhamos escolas e havia falta de professores; hoje dá-se o inverso.

Diante dessa situação, quer nos parecer que a suppressão ou redução das escolas complementares será, infelizmente, uma questão de tempo. Não queremos com isso dizer que tenhamos escolas preliminares em quantidade sufficiente de accôrdo com o desenvolvimento progressivo da população. Pelo contrario, ha necessidade de mais escolas que possam transformar as forças inuteis que enchem os nossos sertões em forças intelligentes e productivas; trata-se, porem d'um problema cuja solução está intimamente ligada ás condições financeiras do Estado.

Deixamos de fazer outras apreciações a respeito do ensino nas escolas complementares, porque o assumpto já foi discutido brillantemente pelo illustre professor F. Vianna, muito digno director d'um dos grupos escolares do Estado.

Julgamos tambem que já era tempo de se ter feito alguma cousa relativamente á creação de escolas profissionaes destinadas ao preparo de operarios.

Sim, é um dever patriotico atrahir a mocidade para carreiras mais praticas, em que os filhos do povo possam obter immediata collocação e boa remuneração do seu trabalho e actividade.

Tratando deste assumpto, diz o illustre professor Luiz dos Reis, no seu magnifico relatorio sobre instrucção publica:

«Entretanto, é urgente que tratemos da creação das escolas profissionaes e que dotemos as nossas escolas publicas com officinas de trabalhos manuaes.

«Que, porem, não queiram transformar os professores de nossas escolas que já são *musicos* e *gymnastas* á força, em mestres de carpintaria, serralheria, modelagem etc, que por ventura forem creadas.»

E' tempo de cuidarmos mais seriamente disso. Exige-o o nosso progresso, exigem-no os impostos pesadissimos com que foram onerados os objectos de primeira necessidade importados do estrangeiro.

Continúa o mesmo professor dizendo que o povo que possuir o maior numero de escolas primarias bem organisadas e portanto, o menor numero de analphabets, e possuir tambem o maior numero de escolas profissionaes, é sem duvida o povo mais adiantado.

Procuremos, pois, despertar na infancia o amor ao trabalho preparando cidadãos uteis á Patria.

Por emquanto, possuímos no genero a Escola Pratica, «Luiz de Queiroz», em Piracicaba; mas é necessaria a creação de outros estabelecimentos da mesma natureza.

Vamos agora ferir um dos pontos aliás digno de nota como seja o programma de ensino do curso preliminar. O actual programma precisa passar por uma revisão cuidadosa de modo a poder ser executado com fidelidade em todos os estabelecimentos de ensino.

Esse trabalho, porem, acaba de ser confiado a uma commissão formada de homens competentes e conhecedores do assumpto. E' de suppor que essa commissão não

perderá de vista que o ideal da escola primaria não é ensinar muito, mas ensinar bem; que a instrucção seja restricta mas não superficial. O objecto do ensino primario, como muito bem disse Greard, não é recolher das diversas materias, em que toca tudo o que é possível saber, e sem aprender bem de cada uma aquillo a que a ninguem é permittido ignorar.

A experiencia, essa especie de lanterna de cuja luz só o conductor se aproveita, no dizer d'um notavel pensador, tem provado que o programma de ensino organizado para grupos escolares não póde ser desenvolvido com o mesmo proveito nas escolas isoladas, onde as classes estejam a cargo d'um só professor.

Consideramos tambem prejudicial ao ensino a reunião de classes nos grupos escolares.

Quanto ao periodo das ferias, somos de opinião que deverá haver uniformidade para todos os estabelecimentos de ensino.

Vamos, finalmente abordar mais uma questão que, pela sua importancia era digna d'um estudo a parte, mas que, não obstante, será tratada de passagem. Queremos nos referir á municipalisação do ensino. Somos d'aquelles que pensam que ainda é muito cedo para confiarmos as nossas escolas publicas ás camaras municipaes.

Devemos, por emquanto, fazer com que essas corporações tomem maior interesse pela instrucção publica.

Desde já, porem, as camaras poderiam contribuir efficazmente para

o melhoramento das escolas publicas, não na parte tecnica e administrativa, propriamente dita, porem na parte material, em que muita cousa está por fazer. Vejamos, portanto, de que modo as camaras podem cooperar para o progresso do ensino e boa organisação escolar. Por um lado observa-se que as escolas isoladas, principalmente as de bairros funcionam em salas acanhadas e sem as condições de hygiene, onde se agglomera um numero consideravel de crianças para serem leccionadas num grande numero de disciplinas por um professor. Pois bem, as camaras municipaes, prestariam relevantes serviços á causa do ensino, si nas respectivas leis de orçamento consignassem annualmente, uma verba destinada para a contrucção de predios escolares, de conformidade com o typo previamente adoptado pela Repartição de Obras Publicas. As camaras mais ricas pederiam prestar maiores serviços, dotando as escolas publicas com o material indispensavel ao ensino.

Nessas condições, não ha que duvidar, as nossas escolas ruraes, hoje em dia tão pobres, dentro em poucos annos apresentariam um aspecto mais agradável e consequentemente, melhores resultados praticos.

Chegamos, emfim, ao termo das considerações que tínhamos a fazer relativamente á refórma do ensino; lamentamos porem, não ser possível desenvolver melhor todas as questões que abordamos; por falta de espaço, omittimos tambem algumas medidas de interesse geral

que serão tratados em outra occasião.

Alimentamos fagueira esperanza de ver a instrucção publica entrar numa phase de verdadeira prosperidade, porque confiamos no patriotismo e boa vontade e no merito do Estadista que occupa a Pasta do Interior e que naturalmente empregará todos os esforços no sentido de melhorar consideravelmente este ramo de serviço publico, tornando-se credor da estima e veneração daquelles que se interessam pelo progresso do Estado de S. Paulo.

Antes de fazermos as nossas despedidas, cumpre-nos o dever de appellar para a benevolencia d'aquelles que nos dispensaram alguma attenção, si por ventura, notarem que o auctor deste singelo trabalho transladou para estas columnas, d'onde tantas vezes tem partido raios fulgurantes dos talentos de escol, idéas que jamais deveriam ser tomadas em consideração.

Si commetemos, por assim dizer, uma verdadeira heresia sobre a materia, esperamos que estas palavras de um notavel escriptor sirvam-nos de justificativa. Eil-as:

«E' dever de todo o homem possuidor d'uma idéia que julga boa, lançal-a á publicidade, afim de poder servir de proveito aos seus semelhantes, quando haja realmente nella algum valor.»

Cumprindo esse dever é que nos resolvemos a escrever e publicar a nossa despretenciosa opinião.

Lorena, 12 de Janeiro de 1905.

BENEDICTO A. BRAZILEIRO.

## Opinião

A faina de economia, revelada pelo Congresso,—elle que me perdê mais uma vez,—é de uma incongruência tal que não posso calar. Assim é que para algumas classes de empregados foi severo de mais ao passo que foi condescendente com outras, e até liberal, como aconteceu com a força publica, augmentando os vencimentos dos officiaes e tirando, oh! injustiça clamorosa, um pouco de cada soldado!

Não seria mais consentaneo com a justiça, estabelecer *uma taxa fixa para todos os funcionarios publicos do Estado, sem exceção*, sobre o ordenado de cada um, sem todavia tocar nas gratificações que são abonadas *pro labore* ou *pro honore*? Desse modo, como já demonstraram outros mais competentes do que eu, produzir-se-ia uma economia muito superior á actual e sem as desigualdades odiosas que se notam na lei, em cujos côrtes a nossa classe foi uma das mais lesadas.

Ora, nós não vivemos de brisas, e a diminuição dos seus proprios subsidios—procedimento louvavel, não ha duvida, e que põe a claro as bôas intenções dos membros do Congresso, não justifica todavia a extorsão de que fomos victimas.

A nossa posição de educadores é só de sacrificios, e nós vivemos *exclusivamente* dos vencimentos do cargo, e esses vencimentos devem estar na razão directa das nossas necessidades como funcionarios de certa ordem. E quando os vencimentos do funcionario, qualquer que seja a sua cathgoria ou classe,

é deficiente ou não chega para occorrer ás suas necessidade materiaes, o seu trabalho não pode ser proficuo.

Não queremos luxo, como não pretendemos fazer figura no mundo elegante, mas precisamos manter a decencia correspondente á nossa posição social; não pedimos tam-pouco que nos equiparem a certa ordem de empregados, que ganham muito e pouco fazem; o que queremos, o que pedimos, e ao que temos direito, é que nos colloquem a salvo da miseria, pois a necessidade colloca o homem em posição dependente e humilhante, o que por certo não condiz com a posição de um educador; pedimos que nos arranquem da situação precaria a que a nova lei nos arrastou e na qual o proprio dever governamental não pode consentir que permaneçamos, em attenção á relevancia dos serviços que prestamos á Patria e á Republica.

Portanto, qualquer reforma de instrucção publica deve ter por base como ponto de apoio, assignar a independencia do professorado, já quanto aos meios de sua subsistencia, de modo a poder viver modestamente mas com o decoro indispensavel, sem sacrificios de sua honestidade individual, já quanto á tutela politica que, infelizmente, tem transposto o limiar do templo sagrado da instrucção, ora para implantar ahí o servilismo ou si este encontra uma barreira inexpugnavel na auctoridade e inteireza de caracter do funcionario, para se praticarem violencias aos seus direitos, como succede, entre outras, nessas *dispensas* em que, as mais das ve-

zes, tem se sacrificado o interesse publico pelos caprichos de occasião ou imposições de regulos de roça.

Passo em seguida, de accôrdo com a Consulta, a esboçar um plano de reforma que me parece aceitavel e exequivel.

As escolas isoladas ficam divididas em tres grãos, sendo os vencimentos successivamente de 200\$, 250\$ e 300\$, tendo cada professor uma verba para aluguel da casa de escola, nos logares em que não houver predio proprio, verba variavel conforme a localidade, nunca inferior a 20\$ mensaes e um excedente de 50\$.

Nenhum professor, de ora em diante, poderá ser nomeado para escola de grão superior sem o exercicio previo de escola de grão inferior, de dous annos pelo menos. Os professores de grupos escolares ou escolas-modelo são considerados do 3.º grão, com os mesmos vencimentos, tendo, porém, uma gratificação adicional, a juizo do legislador ou do governo, segundo a localidade. Nenhum professor qualquer que seja o seu titulo de habilitação, ou o grão da escola que reger, e qualquer tambem que seja o tempo de seu exercicio, poderá ser dispensado ou demittido a não ser por infracção regulamentar grave, provada em processo regular administrativo, com amplos meios de defeza ou por condemnação em processo crime por factos infamantes.

Sempre que uma escola fôr suprimida ou transferida por falta de numero legal de alumnos, uma vez que a infrequencia não tenha por causa o professor, será este provi-

do n'outra escola de equal cathgoria á sua escolha, sem perda do ordenado, excluida a gratificação.

Haverá em todos os bairros, cujo recenceamento escolar o exigir, escolas do 1.º grao; nos bairros, comprehendidos nos perimetros das cidades, como os da capital e outros, haverá tantas escolas de 2.º grão quanto fôr a base de 40 alumnos do 1.º grão; nas freguezias, villas ou cidades haverá escolas de 2.º e 3.º grão na base de 40 alumnos para as primeiras e de 30, para as segundas. Nos logares de população densa, isto é, nas freguezias villas e cidades que tenham varias escolas, deverão ser estas reunidas até tres de cada sexo, ficando a sua fiscalisação sob a responsabilidade directa do professor mais graduado, e em egualdade de titulos de habilitação, pelo que fôr designado pelo governo, recebendo por isso uma pequena gratificação adicional. Esta mesma reunião pôde dar-se com relação ás escolas de diversos bairros proximos, num perimetro de 6 kilometros. A experiencia tem demonstrado que um só professor não pôde simultaneamente leccionar, corrigir todos os trabalhos escriptos, explicar as materias e ainda manter a diciplina tal como deve haver numa boa escola. E a diciplina é tudo.

Quando as circunstancias economicas o permittam, crear-se-hão grupos escolares nas localidades em que houver escolas dos tres grãos, de ambos os sexos.

O programma actual de ensino deve ser modificado para a sua adopção nos grupos e escolas-modelo, cujo curso ficará reduzido a

tres annos, eliminando-se algumas disciplinas sem resultados positivos, isto é, de pouca utilidade pratica e que mais figuram no actual programma como elementos de pedantismo.

Nas escolas isoladas o programma deve attender á distribuição pelos respectivos grãos, tendo em vista que no 1.º grão deve ensinar-se tão sómente o essencial, isto é, ler, escrever, contar e noções de historia patria e de geographia do Brazil; no 2.º grão, sómente as materias do 1.º e 2.º plano; no 3.º o programma dos grupos com menor desenvolvimento, salvo tratando-se de escolas reunidas, porque neste caso desaparece o inconveniente apontado. Penso que é preferivel diminuir as materias e ensinar-as bem, a conserval-as todas e ensinál-as superficialmente como se faz agora.

Nas futuras nomeações de directores de grupos ou escolas-modelo exigir-se-á o exercicio de tres annos pelo menos nas escolas do 3.º grão. Os inspectores escolares cujo numero deve ser elevado ao triplo ou quadruplo, serão tirados, por accesso legal, dentre os professores que tenham pelo menos 5 annos de exercicio em escola de 3.º grão. O Conselho Superior, cujo numero deve ser o mais limitado possivel para facilitarem-se as suas reuniões que serão semanaes e obrigatorias, deverá compor-se de pessoal notadamente apto, isto é, de gente competente no que concerne á instrucção publica, que é para não transformar-se em ninho de afilhadagem politica, e será presidido pelo secretario do Interior, e na

sua falta, pelo Inspector Geral do Ensino, os quaes, enquanto exercerem as funções daquelles cargos, serão considerados membros effectivos do Conselho, do qual farão parte tres ou quatro professores do 3.º grão com mais de 10 annos de exercicio. O cargo de membro do Conselho—que é considerado em commissão, mas cujo tempo será contado para a jubilação—será de tres annos, podendo ser renovado.

Eis em largos traços o que posso dizer sobre o objecto da consulta, lamentando que por incompetencia e falta de auctoridade não pudesse corresponder aos louvaveis intuitos do digno presidente da Associação do Professorado Publico.

Gasto pelo excesso de trabalho, pois estou já n. 26.º anno de exercicio—o que por si é um attestado de invalidez; inutilisado nesta nobre, mas ingrata vida do magisterio publico, á qual dediquei toda a minha mocidade e toda a minha actividade; velho e doente, e na decadencia não posso mais ser util á minha classe que felizmente conta em seu gremio notaveis talentos, dedicações inexcediveis que saberão reivindicar as nossas garantias elevando e dignificando cada vez mais o nosso sublime ministerio.

Quanto a mim, nada mais espero, e nem tenho a velleidade de nutrir qualquer pretensão a não ser o descanso a que me dá direito o meu longo tirocinio, e com elle a recompensa legal dos meus esforços, do pouco que pude fazer em beneficio do meu Estado natal; espero tão sómente a migalha de uma parca jubilação (pois até nisto so-

mos os unicos lesados, porque todos os outros funcionarios publicos tem accessos ou promoções que lhes melhoram as aposentadorias, em quanto que o professor, no fim da vida, e inutilisado fica quasi a morrer de fome), migalha que mal dará para o pão amanhecido.

Para mim, portanto, bem pouco quero.

Ao terminar devo dizer aos que me lerem que nestas minhas ligeiras considerações não visei melindrar a ninguém, não tive intenção de ferir susceptibilidades; procurei sim, ser sincero e verdadeiro no que deixei escripto e si fui severo em algum ponto, que se me releve a falta pela intenção que era cumprir um duplo dever: o de attender a um appello que me fôra feito, e o de dar o grito de alarma contra os derrocadores das instituições democraticas, porisso que não se póde comprehender uma Republica que fecha escolas e deprime os educadores da infancia; não posso comprehender uma Republica que difficulta a instrucção popular talvez para que o povo ignore os seus direitos e não faça valer a sua soberania.

ERNESTO LÓPES DA SILVA.

### Conferencia do Snr. Carlos Escobar (Conclusão)

Vem agora a questão de saber si se deve restringir o programma das escolas isoladas.

Esta questão está resolvida por si mesma. Si se estabelece como regra que o ensino da leitura é

um meio para aprendizagem dos outros elementos, desaparece a necessidade de differenciar o programma dos grupos e das escolas isoladas, desaparece a distincção de um ensino para a roça e outro para a cidade. As licções do livro de leitura hão de ser necessariamente concretas.

Além disso, hão de obedecer á ordem em que os assumptos se apresentam naturalmente. Resolve-se o primeiro caso partindo-se dos factos conhecidos para os principios ignorados. Uma licção a respeito de uma canõa será motivo para explicar o principio de Archimedes; quadros historicos ou copias delles prestam-se a bellissimas leituras de historia patria; para resolver o segundo caso da ordem em que devem ser apresentados os assumptos, recordar-se—á a divisão natural de cada sciencia.

Tratando-se da physica, a ordem natural é indicada pelo som, o calor, a electricidade. Dentro da sciencia, si se tratar da optica, a ordem natural é a da propagação das ondas luminosas, da reflexão, da refracção, da polarisação. Não será difficil encontrar a regra para outras sciencias, por isso affirmei que os nossos livros escolares não foram escriptos segundo o espirito philosophico e não se prestam a esta importante reforma dos grupos escolares. Longe de mim o pensamento de condemnar os livros publicados por nossos laboriosos collegas. Só affirmo que esses livros não foram escriptos no sentido da reforma que proponho.

Aproveito a opportunidade para manifestar publicamente a admi-

ração ao excellento livrinho do sr. dr. Mario Bulcão, uma joia de nossa litteratura pedagogica.

Talvez vos desagrade este programma modesto offerecido aos grupos, porque elle não corresponde ao que se vê nos paizes de uma civilisação antiga. Sei bem que o ensino primario na Europa succede ao ensino das escolas maternas, dura oito e mais annos, abrange tudo o que pode interessar um europeu, mas a intelligencia de nossas creanças não supporta este desenvolvimento, porque a hereditariedade ainda não nos deu uma infancia sagaz como os pequeninos parizienses. Não argumento com excepções de nossas escolas, mas com a generalidade da infancia. O ensino primario integral que Carlos Barlet propõe á França é tão meticoloso que o não possuem os nossos mestres.

Force-se agora uma creança a assimilar semelhante programma para ver o aleijão que ha de resultar dessa affronta á intelligencia embryonaria. Um pouco de tudo ha de ser a legenda do ensino primario e ministrado de modo attrahente, como pela leitura gradual que se tornou clara com o auxilio de dialogos entre o alumno e o professor, de exposição oral e escripta pelos alumnos, experiencias communs deante de objectos naturaes ou de imagens artificialmente produzidas.

Não nos illudamos com as respostas promptas dos alumnos mais intelligentes de nossas escolas, repetindo com fidelidade o que ouviram dos mestres pela centesima vez. Repetir não é saber; sa-

ber é crear, e poucos são os meninos paulistas que o fazem na esphera limitada do seu desenvolvimento. Os melhores papagaios de nossas escolas são uma decepção. O objecto da escola primaria é formar o cerebro da creança, desenvolvendo faculdades que se contém em potencia e para tanto bastam noções escolhidas a tempo e com parcimonia. (*Muito bem!*)

Passo agora a refutar algumas criticas injustas a grupos escolares e prometto levar vantagem sobre os adversarios da reforma do ensino. Censura-se o visualismo excessivo como processo de ensino tão em voga nos grupos escolares.

Não conheço outro meio efficaz de se instruir a creança senão pelos sentidos. Mas essas criticas tem a sua razão de ser em abusos de processo. Tomo a materia que se presta melhor á minha analyse, a cartographia, para descobrir os excessos no ensino que aproveita muito ao alumno quando se combinam os sentidos da vista do tacto e da audição. Ensina-se o alumno primario a desenhar mappas, mas não se dá ás linhas a vida de que são susceptiveis; o esquecimento provem de supportar que a cartographia é a geographia.

Não; a cartographia é o meio para se ensinar geographia: não basta conseguir do alumno que represente por um traço a direcção dos Andes. E' mister que elle seja tambem occasião do seguinte desenvolvimento: a parte meridional dos Andes submergiu parcialmente no mar, por isso muitos golfos occupam agora os

valles do oeste e formam ilhas, montanhas, que não foram submergidas; o cabo Horn é uma ilha rochosa. Ahi sopram ventos tempestuosos e o mar é bravo; por essa razão, os navios preferem atravessar o estreito de Magalhães. Bandos de selvagens vivem nas ilhas ao sul do estreito.

Quasi no meio da distancia, entre o cabo Horn e a grande curva da costa do Pacifico, a cordilheira dos Andes é muito alta e coberta de neve todo o anno. A oeste dessa parte, está a longa e estreita planicie do Chile central, entre a costa cheia de penhascos e os Andes. Devido aos ventos atravessarem as correntes do Oceano a oeste, o Chile não tem estação quente; são curtos os rios que cruzam a planicie. No tempo das aguas ou do degelo, elles inundam as terras vizinhas e depositam detritos que beneficiam a cultura do trigo, da cevada e do milho. Grande quantidade de aguas é dividida em canaes para ser utilizada á irrigação dos campos. Valparaiso é o principal porto. Abaixo da linha das neves perpetuas as montanhas são cobertas de pinheiros e carvalhos. Ha muitos vulcões e terremotos no Chile. Uma estrada de ferro cruza os Andes chilenos.

Continuando este desenvolvimento não faremos appello só á imagem visual, mas aos factos verdadeiramente geographicos. A geographia não será um rosario de nomes proprios. O defeito do methodo não está no ensino pelos sentidos: si elle existe, está em não se appellar para todos os sentidos juntamente. A critica contra o visualis-

mo pecca pela base.

O visualismo é um obstaculo no ensino superior, acima dos 14 annos, quando se desenvolve a abstracção. Aquelle que precisa de taboinhas e garatujas para acompanhar um raciocinio, é um aleijão intellectual, que não caminha sem essas muletas. Na infancia, a regra é o ensino pelos sentidos.

Os criticos do visualismo são os admiradores do *apprendre par coeur*, tão combatido por Montaigne.

Outra critica injusta é dirigida ás festas infantis: chamam de mascaradas ou de fogos de artificio as festas da infancia. O ensino deve ser attrahente, e para isso deve ser esthetico. E' de lamentar que as festas infantis não sejam systematicas e não sirvam á instrucção das creanças. Na theocracia rhamica ensinava-se por meio de festas publicas a historia da raça branca. Affirma o Marquez d'Alveydre que o povo apprendia nessas festas mais sociologia do que todos os modernos com os recursos de sua bibliotheca. Podiamos instituir festas da Patria, em que tomassem parte as bellas artes a poesia, a musica, a pintura, e, si alguém quizer mais desenvolvimento, consulte a minha carta ao dr. Bento Bueno, sob o titulo «Methodos Mortos».

A disciplina dos grupos é a mais racional. Não conheço senão dois meios para conseguir o progresso de uma classe, — o medo do professor e o entusiasmo pela escola. Nos grupos, procura-se obter isso com simplicidade, como regra nos estudos e o deleite das festas

como premio a todos os esforços. Não precisamos senão dividir o curso dos grupos para uma classificação mais racional dos alumnos, de modo a não coagir o mestre a abreviar o ensino difficil dos primeiros elementos, atirando para os annos superiores alumnos quasi analphabetos (*Apoiados*). Proponho que se augmente a sete annos o curso preliminar dos grupos escolares. Isto não está de accordo com as medidas tomadas ultimamente pelo governo, mandando reunir annos superiores a inferiores, o quinto ao quarto, o quarto ao terceiro, e até o terceiro ao segundo. (*Apoiado*). Garanto que a generalidade da infancia paulista não aprende em menos de tres annos a leitura, a escripta e o calculo, e precisa de mais quatro annos para se aperfeiçoar em outras disciplinas.

Talvez me objectem que só raramente alguns alumnos chegam ao quinto anno, e isso mesmo na Capital e em poucas cidades do interior. Responderei que é vicio dos paes, pretextando necessidade de empregar cedo os filhos e que o governo não deve favorecer esse vicio permitindo que se retirem da escola alumnos que não sabem senão soletrar. A instrucção é para corrigir os vicios e não para estimular-os. (*Muito bem*).

A reforma essencial é o livro de leitura; para isso escolherá o governo uma commissão de competentes, que se incumbirá de escrever ou de adaptar compendios adequados ao desenvolvimento gradual da intelligencia. Teremos resolvido a questão do programma,

do horario e da classificação das escolas.

Passo á terceira parte.

A verdadeira instrucção popular, aquella que faz de cada cidadão uma cellula consciente do grande organismo colectivo, essa continúa a ser privilegio de algumas cidades, dos que podem manter os filhos em Gymnasios ou Academias. Onde estão os cursos populares de sciencia?

Não temos ainda escolas que ministrem aos jovens brasileiros conhecimentos approximados do mundo, do homem, da sociedade, de Deus, sem a pretensão de conferir diplomas academicos, com objectivo elevado de enriquecer os, com as ideas do bello, do justo, do verdadeiro. Taes escolas, si existissem, exerceriam sem duvida influencia salutar sobre as idéas e costumes da população. Creadas as escolas, em que os jovens de quatorze annos para cima adquiram uma instrucção integral, embora menos explorada do que os cursos destinados aos theoricos de profissão, verdadeiros cursos nocturnos de instrucção popular—a primeira questão que surge é de saber si taes escolas encarregar-se-iam de ministrar conhecimentos especulativos ou praticos. O ensino dessas escolas não poderia ser integral si o objecto dellas não fossem conhecimentos especulativos. Resolvida a questão a favor dos conhecimentos especulativos, surgiria a difficuldade de se conhecer a extensão de cada sciencia, problema quicá tão importante como o primeiro.

Os antigos davam a seus alum-

nos principios geraes e deixavam á sagacidade de cada um deduzir as consequencias: dahi os homens originaes como Pythagoras, Socrates, Platão. Os modernos, ao contrario, sacrificam as generalidades ás minucias e tiram ao alumno toda a espontaneidade. A sciencia synthetica: tal devia ser o programma dos cursos populares. Todas as sciencias se podem reduzir a uma simplicidade estupenda. As escolas de Turgot, em Paris, ensinam em tres mezes a quantidade de mathematica que se aprende em tres annos pelos methodos classicos. Lagout reduz a dezeseis paginas toda a algebra superior. Goin demonstrou perante o ministro da instrucção publica que se aprende numa estação qualquer lingua viva ou morta. Quem quizer, emfim, adquirir conhecimentos aprofundados da sciencia synthetica, consulte as obras memoraveis de Legai sobre economia politica, de Barlet sobre chimica e outras. O que tambem simplifica em demasia a acquisição da sciencia, é o emprego do methodo analogico. Este descobre por toda a parte semilhança de funcções: assim, os physiologistas descobriram que os ganglios da columna vertebral substituem o cerebro nos movimentos reflexos.

O methodo analogico apoia-se na unidade do plano da natureza, de modo que basta conhecer um cantinho do universo. Essa tendencia á unidade revela-se no sistema de se reduzir a sciencia á physiologia, depois da doutrina do organicismo da sociedade, e de se reduzir a physica á mechanica,

depois da theoria da unidade das forças physicas. A Academia Francaza premiou um livro applicando ao ensino o methodo analogico. E quem quizer conhecer a fundo as vantagens deste methodo, consulte o livro de Macé, «Um bocadinho de pão».

Mas os compendios em voga são dispersivos, e os nossos mestres excessivamente analyticos. Foi a ignorancia da sciencia synthetica que provocou o decreto supprimindo diversas cadeiras importantes na Escola Normal. Emquanto não tivermos mestres syntheticos, convém adiar a fundação das escolas integraes, porque de nada vale o ensino fraccionado. A distribuição do ensino integral é denominada pelo methodo *genetico*.

Ampère claramente estabeleceu que o espirito humano, para passar do conhecido ao desconhecido, procede segundo os termos de uma trindade activa que elle assim descreveu: primeiro, vista do conjuncto do objecto a estudar, complexo, confuso; é o que elle chamou *autoptica*; segundo, termo médio, duplo, analyse deste conjuncto e transição á sua reconstrucção, donde dois tempos que elle chamava *cryptoristica*, pesquisa de detalhes elementares occultos na complexidade do conjuncto; *propontimica*, estabelecimento de leis que reúnem os detalhes assim analysados; terceiro, a *synthese* ou *physiologia*, pesquisa das causas invisiveis que elle chamava *cryptologia*.

Essas questões de doutrina e de methodo provam quão difficil é o problema das creação das escolas

populares, tendo por objecto o ensino integral e synthetico das sciencias; provam ainda a necessidade de um corpo de profissionais competentes para esclarecer a acção do governo nestes assumptos delicados. Si por coherencia sustentamos a necessidade de cursos populares para o ensino da sciencia synthetica, ainda que julguemos adiaveis, emquanto não tivermos professores aptos, educados na sã philosophia, o ensino profissional adaptado ao nosso meio, é para nós uma questão de vida ou de morte, é para nós uma questão nacional.

A immigração trouxe a concorrência do trabalhador europeu com o trabalhador nacional, não estando nossos patricios aparelhados para a lucta do trabalho, porque nunca tivemos ensino profissional.

A consequencia foi o italiano tomar as principaes posições na industria e recuar o brasileiro para um plano inferior. Qual é o destino dos nossos filhos ao deixarem os bancos da escola primaria? Nem todos podem ser bachareis ou empregados publicos. Si os internarmos nas fabricas dos centros industriaes do Estado, serão fatalmente explorados pelos patrões, e, só depois de muitos annos de trabalhos gratuitos, conseguirão ser artifices mediocres. Impõe-se a criação do ensino profissional, para que cada brasileiro tenha um officio. Mas o governo, reclamando do Congresso favores para o ensino primario, declarou terminantemente que só a instrução primaria exgotava todos os recursos do thesouro. A quem recorrer

nessa emergencia? Sabeis que os religiosos mantem escolas praticas, abraçando todos os ramos da actividade industrial e que elles se encaminham agora para a America. Devemos recorrer ás escolas congreganistas: a opinião contra essas escolas só prova a capacidade dos padres, e a favor dellas eu cito a opinião insuspeita do livre pensador Marquez de Alveidre e do materealista Lebon. Os portuguezes destruíram a ferro e fogo os indios, os italianos vão eliminando o negro e o caboclo. Emquanto o resto dos brasileiros não é condominado pelos conquistadores de além mar, aparelhemos nossos filhos para a lucta do trabalho, dando-lhes um officio. (*Muito bem!*).

A enxada é dos italianos, o commercio é dos italianos e dos turcos, os bancos são de inglezes e allemães, as grandes empresas de transporte pertencem aos americanos e inglezes, e nós somos um povo materialmente escravizado ao capital europeu. Não é um chauvinismo ridiculo que estou pré-gando, pois sou amigo dos estrangeiros, e reconheço que foi uma condição essencial de progresso a lei que abriu os nossos portos ás nações européas.

Porém, o europeu procura o Brasil ainda com o mesmo espirito que o velho Portugal, procura neste paiz as serranias de esmeralda ou o Eldorado no seio virgem da America. Si o europeu conseguir dominar este paiz, teremos fatalmente a emporocracia, e sabeis qual o principio do governo emporocratico? E' aquelle que subordina os principios mais altos da

ethica ao interesse commercial. Não seremos mais uma nação, seremos tributarios dos grandes emporios europeus. O eminente sr. dr. Euclides Cunha deu a entender em um dos seus artigos no *Estado*, que a intervenção do estrangeiro no governo acarretaria a subordinação da politica á moral. Essa reforma estupenda é muito mais séria do que pensa a sr. Euclides da Cunha, pois ella depende do advento do poder esperitual. Affirma-o toda a antiguidade sabia, affirma-o modernamente Augusto Comte. O estrangeiro fará a emporocracia.

Parece que é uma contradicção ter affirmado que Loyola foi a encarnação do destino e defender agora as escolas congreganistas. Mas não ha contradicção; a supremacia não deve pertencer á vontade nem ao destino; o progresso resulta da alliança da vontade e do destino com a providencia. O destino seria a immobildade, a vontade só seria agitação desordenada; a providencia estabelece o justo meio contrabalançando o repouso pelo movimento e vice-versa. Por isso não devemos concluir que o protestantismo continua a ser arauto do progresso, affirmando com o dr. Luiz Pereira Barreto que os paizes protestantes marcham na vanguarda da civilização. Lutero não é mais o organ da vontade, como Loyola não o é do destino; a vontade deslocou-se para os socialistas, os herdeiros legitimos da Revolução Franceza, e o destino immobilisou-se entre os constituicionistas, que são os ferrenhos conservadores da ordem

actual. Não sou, pois, contradictorio, affirmando que não periga o progresso confiando-se ás escolas congreganistas o ensino profissional na nossa patria.

Conclusão geral:—Não foi obra de erudicção que eu quiz fazer, invocando uma infinidade de problemas, cada qual mais difficil, relacionando-se com a reforma do ensino publico: todo o meu esforço tende a provar que as camaras municipaes não podem propor esses problemas e muito menos resolves-los. Não devem assumir a responsabilidade do nosso futuro, camaras que não podem descortinar novos horizontes para um povo cheio de nobres aspirações. Si as camaras municipaes estão abaixo do que se lhes exige agora, como lhes havemos de confiar nossa intellectualidade nascente? As camaras municipaes só estão preparadas, pela sua má educação politica, para perseguir os educadores da infancia e amesquinhar assim este paiz escravizado ao capitalismo europeu. (*Muito bem!*).

Si alguem precisa de estimulos para não desfallecer no meio da ardua tarefa, esse é o professor publico, condemnado a viver pobremente e a gemer sob os vícios da geração que elle tem de instruir. Ajuntem-se a essas fatalidades naturaes as perseguções politicas e tereis o quadro horroroso de uma vida de sacrificios consumida no magisterio. A maior doença do professor é o desanimo resultante das graves injustiças de que tem sido victima a nossa classe, espoliada de seus direitos, até por coroneis da guarda nacional,

distribuindo os empregos na instrução pública, sem respeito ao merito nem aos serviços prestados. A municipalisação do ensino vem augmentar a nossa agonia. Os versos de Dante gravados na porta do inferno serão daqui por diante a nossa legenda: «Deixae a esperança, ó vós que entráis».

O amor! Vi-o na solidão do cemiterio ajoelhado sobre a terra humedecida de lagrimas, emquanto gemiam as cazuarinas balouçadas pelo vento, plantando uma roseira branca na sepultura da filhinha morta. Eu quiz desvendar os segredos daquella dôr, e a penitente respondeu-me, entre soluços, que conduzia o aroma das rosas brancas ao céu como os suspiros lancinantes d'uma mãe infeliz.

O amor! vi-o na roça, com a enxada nas mãos, tisonado pelo sol ardente, a lutar com a natureza bruta, desde o romper da aurora ao cahir da tarde merencorea.— Para que te consumes nesse labor insano?—Para comprar pão aos filhos— responde— e o gigante desatou um sorriso que lampejou como o sol no fundo sombrio da matta verdejante.

O amor! vi-o encostado ao leme, numa noite de luar, contemplando o horizonte immenso— e duas lagrimas prateadas rolaram-lhe dos olhos verdes: era a saudade da patria distante.

O amor! vi-o com a carne a sangrar, longe da familia e da patria, morrendo no campo inimigo, como um condor abatido no pinheiro nevado dos Andes. Só o pavilhão nacional, dilacerado pela

metralha, recolhia em suas ondulações o ultimo pensamento do heróe para levar-o a Deus, que o guarda como joia de inestimavel valor na arca santa do patriotismo.

Tenho visto o amor no leito do hospital, colhendo numa corolla de beijos o derradeiro olhar de um moribundo! Tenho-o visto na escola, illuminando, num sorriso, a noite da innocencia! (*Muito bem!*)

O amor é um nervo do universo, pulsando aos beijos da luz e da sombra, dos risos e das lagrimas.

Uma força mysteriosa nos reúne aqui: é o amor, porque somos um germen divino submettido ás leis da necessidade, ás leis da fatalidade. O amor impelle para perfeição. E a perfeição, na ordem physica, é a realisação dos sonhos da belleza; na ordem moral, é a realisação dos sonhos suggeridos pelo bem; na ordem intellectual, é a realisação dos sonhos da poesia; na ordem espiritual, é a realisação dos sonhos dos mysticos. E, para que esses quatro sonhos constituam uma realidade, trabalha a natureza inteira, desde o humilde polypo, levantando os continentes de escuros mares, até Newton, meditando na lei da gravitação universal. Concorre para a perfeição humana o lar, a sociedade, a escola e a igreja.

Eu saúdo neste momento solemne todas as forças educativas que nos fazem gravitar para a perfeição suprema, para Deus!

(Palmas prolongadas. O orador é muito felicitado pelas pessoas presentes).

## Opinião

Amigo Arthur

Desde ante hontem, não faço mais parte do quadro do professorado publico do Estado e espero que para sempre.

Depois de dezeseis annos de serviços, sem uma nota desfavoravel, fui obrigado a deixar o cargo, que ultimamente exercia—de director do grupo escolar d'aqui. Removido para Leme, sem o haver pedido, não aceitei a remoção—porque quem a obteve estava certo de que equivalia ella a minha demissão.

Nem eu, nem os meus collegas e companheiros, nem os empregados do estabelecimento, nem a população d'esta cidade sabemos ainda ao que se deve esse acto do Governo. Atribuímos-o a essa hydra, que tudo destróe, a esse flagelo, que faz a infelicidade deste paiz, a essa Messalina, que se oppõe á Justiça—á Politica. Feliz Instrução Publica!

Mas não é isso motivo para deixar de corresponder ao teu convite.

Sou, antes de tudo, amante de minha terra, e quero o seu engrandecimento, principalmente no que respeita á instrução. Tivéssemos instrução e as coisas caminhariam de outro modo: não teriamos este novo feudalismo, sob o qual vivemos.

E' assim que te envio estas linhas, dando a minha opinião sobre a reforma a fazer-se nesse ramo de serviço publico—opinião baseada—num tirocinio de mais de tres lustros.

Em primeiro lugar, acho que o ensino deve ser administrado por professores: as leis, regulamentos, programmas, horarios, etc. serão confeccionados por um Congresso delles, e tudo isso será executado sob a fiscalisação dum Conselho formado exclusivamente desses funcionarios. Este Conselho terá a suprema direcção do ensino no Estado.

Os professores serão vitalicios e inamoviveis, só se permittindo a demissão, ou perda do cargo, por processo regular, feito e julgado pelo Conselho.

A condição indispensavel para haver um bom professorado é dar-se-lhe independencia. E' necessario, por isso, pagar-lhe bons vencimentos.

O magisterio é uma carreira que inutilisa homens—physica e intellectualmente falando. O augmento do ordenado proporcionalmente ao tempo do exercicio é uma das medidas que se impõem, pois o professor é, até agora, o unico empregado publico que não tem promoções.

Quanto ao ensino, acho que deve ser dividido em dois cursos: preliminar e complementar.

O ensino preliminar, cujo programma deve limitar-se á lingua materna (ler e escrever correctamente); calculo sobre as quatro operações fundamentaes (inteiros, decimaes e fracções); systema metrico, noções de sciencias physicas e naturaes, sem curso especial, mas aproveitando as occasiões, como, por exemplo, na leitura, deve ser ministrado em dois annos, ou em escolas isoladas, sob a regencia de



dois professores, com 60 alumnos matriculados, ou como curso annexo aos grupos.

O certificado ás habilitações no curso preliminar dá direito á matricula no curso complementar.

Este será ministrado nos grupos escolares, em tres annos, com o seguinte programma: Portuguez, Arithmetica, Geographia, Historia Patria, Geometria, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, Elementos de Algebra e lingua franceza. O certificado de habilitações deste curso permittirá a matricula em qualquer dos cursos superiores do Estado.

Em geral, as creanças quando sabem ler regularmente, escrever menos mal e calcular um pouquinho, deixam a escola para entregar-se ao trabalho. Para que, então, encher-lhes as cabeças com essas marafundas do actual programma? Demos aquillo de que têm necessidade nas luctas pela existencia, e teremos cumprido o nosso dever.

Si quizerem, porem, aprofundar-se mais no estudo, ahí está o programma do curso complementar para satisfazer-lhes os desejos.

Quando ainda no exercicio do cargo, houve o *consta* da convocação de um congresso, para tratar das coisas do ensino, preparava-me para alguma cousa fazer, quando... cortaram-me as vasas.

Agora, nestas ligeiras linhas, que extensas não podem ser, por se destinarem á publicidade, não posso expor todo o meu plano. Quem sabe, porem, si mais tarde eu o farei, mesmo na Revista de Ensino?

Desculpa, si minha opinião não

vae na altura de tua expectativa e e creia-me sempre.

Coll.<sup>a</sup> e Am.<sup>o</sup> Adm.<sup>or</sup>

EMILIO A. FERREIRA

Limeira, 25 de Julho de 1904.

## Opinião

Tenho vacilado em responder á circular do distincto professor snr. Arthur Breves, digno presidente da *Associação do Professorado*, em que péde a minha opinião sobre questões referentes á instrucção publica, por varios motivos, entre os quaes a minha incompetencia.

A circular, creio, foi dirigida a todos os professores publicos do Estado e a pessoas competentes, que se tem occupado, patrioticamente, deste ramo de serviço publico.

Ora, no meio das abalizadas opiniões de tantos pedagogos coleidos, verdadeiros palinuros da nossa pobre classe, que, estou certo, pressurosos accudiram ao nobre appello; no meio do fulgir esplendoroso de peregrinos talentos, que valerá minha opinião?

Apezar disso, resolvi expol-a, resumidamente, num momento, *currente calamo*, levando-lhe assim o meu insignificantissimo concurso, o que faço impellido pela consideração que me merece o signatario da circular, empenhado em cruzada benemerita em prol do ensino.

As questões offerecidas, são importantissimas e assáz complexas.

Não procuro tocal-as. Apenas nas linhas que se seguem enume-

ro as medidas que julgo necessarias, ao menos actualmente, no nosso meio social, para melhorar o systema em vigor no nosso querido Estado.

São ellas: 1.<sup>o</sup> reformar o projecto 27 deste anno (já convertido em lei), na parte que determina a 1.<sup>a</sup> nomeação para bairro ou séde de districto de paz, e quanto aos vencimentos, que tornam o professor um verdadeiro mendigo... obrigado a andar de collarinho e gravata; 2.<sup>o</sup> supprimir todas as Escolas Complementares; 3.<sup>o</sup> auctorisar o professor á poder exercer outra profissão ou meio de vida que não prejudique de qualquer maneira o ensino; 4.<sup>o</sup> rigorosa fiscalisação das camaras municipaes sobre as escolas particulares; 5.<sup>o</sup> afastar o professor publico da malefica influencia das camaras e da politica; 6.<sup>o</sup> determinar que as aulas comecem as 11, mas não se prolonguem até depois das 3.

Creio desnecessario justificar essas medidas.

Os competentes que as julguem e apreciem.

ERNESTINO LOPES DA SILVA  
Araraquara, 16 de Agosto de 1904

## NOTAS DE PORTUGUEZ

### VII

ACCENTO—Pequeno emprego dos accentos em portuguez: difficuldades. — Accento para a voz aberta. — Papel do H como accento: a aspiração. — ACCENTO TO-

NICO: si a syllaba fôr significativa, na radical; si não, o uso: — Difficuldade da apropriação do accento tonico de linguas extranhas. — IMPORTANCIA DO ESTUDO DA PHONOLOGIA: 1.<sup>o</sup> quanto á harmonia musical da lingua; 2.<sup>o</sup> quanto ao ensino da leitura e elocução na aula primaria; 3.<sup>o</sup> quanto ao das diversas partes da grammatica, em geral.

Accento é a maior ou menor elevação da voz na pronuncia do vocabulo.

Os accentos em portuguez são poucos numerosos. Elles são indicados pelos seguintes signaes: <sup>ˆ</sup> (accento agudo); <sup>˘</sup> (accento grave); <sup>ˆ</sup> (accento circumflexo). Destes signaes sómente o primeiro e o terceiro estão actualmente em uso. Este tem por função capital indicar as vozes fechadas e aquelle as abertas. Entretanto os referidos accentos devem apenas ser empregados em palavras, que possam ser confundidas com outras.

Resulta dahi a difficuldade em que se encontram os estrangeiros para aprenderem a nossa lingua. O abuso dos accentos na lingua franceza e o pequeno emprego na nossa são outros tantos obstaculos ao perfeito conhecimento das respectivas linguas pelo estrangeiro.

O **h** é signal etymologico, servindo muitas vezes tambem de accento agudo e de circumflexo em outras. Antigamente elle indicava ainda aspiração, que hoje não existe em portuguez. Esta era a sua função no grego e no latim.

Portanto o h não é letra e sim um méro signal.

O accento tonico é alma do vocabulo — o seu centro de gravidade, já alguém o disse. Elle dá ao vocabulo unidade e individualidade, ou faz de uma reunião de syllabas um todo perfeito e harmonico. E' elle o modo predominante com que pronunciamos uma das tres últimas syllabas de um vocabulo. Este accento não é representado por signal algum.

A syllaba em que recae o accento tonico, que é a que mais se destaca na pronuncia do vocabulo, chama-se — predominante ou tonica; as outras, no mesmo vocabulo — predominadas. As syllabas predominadas pronunciam-se com rapidez, mas as subsequentes mais surdamente que as antecedentes.

O accento tonico, portanto, em portuguez, pode recair: a) na ultima syllaba; b) na penultima; c) antepenultima, resultando dahi tres cathogorias de vocabulos em relação ao rythmo, a saber: a) oxytonos; b) paroxytonos; c) proparoxytonos.

Este accento sempre recae na radical da syllaba significativa e na sua falta sómente o uso poderá indicar a cathogoria do vocabulo neste particular.

Os estrangeiros, mórmente francezes, encontram embaraço no emprego deste accento, o que não é de admirar, visto muitos brasileiros se encontrarem quasi sempre nas mesmas difficuldades.

Este facto, entretanto, não se oppõe á universalidade da linguagem que é um phenomeno relativo. E' pela sympathia que chegaremos a

assimilar as linguas extranhas, realizando-se então essa concepção philosophica de elevado alcance social. E assim como a expressão tende para a sua universalidade, o accento tende para a sua unidade.

As idéas e sentimentos são os mesmos em todas as partes do globo, portanto a linguagem, a seu turno, devia ser uma e unica. E note-se que este problema não é uma utopia, porquanto será bem mais suave o estudo systematico de uma e unica lingua que o conhecimento inutil de grande numero dellas. A vida pede sociedade e a sociedade pede communicabilidade e assim sendo a humanidade bem mais lucraria com a solução do magno problema.

Estudos concretos e praticos são os unicos capazes de concorrer para o aperfeiçoamento da harmonia musical do vocabulo. A expressão é um producto da collectividade; portanto, desta unicamente depende o seu aperfeiçoamento. Só o aperfeiçoamento da sociedade, repetimos, poderá determinar o aperfeiçoamento da Phonologia, parte importantissima da Grammatica base das suas correlatas.

A falta de sentimentos (e porque não dizel-o?), a falta de caracter dos nossos pensadores muito tem concorrido para descredito da moderna litteratura.

Como conceber-se um bom litterato ou um grande orador sem nobres sentimentos, sem imputabilidade moral?

Poderia Luiz de Camões conceber o seu "Lusiadas", si não fosse inspirado em seus bons sentimentos?

Certamente que não.

Bôas idéas subordinadas á harmonia dos vocabulos e aperfeiçoadas por numerosos exercicios de redacção, cuidadosamente systematisados, são factores indispensaveis para a elaboração de bons pensamentos. Dependendo a bôa dicção dos pensamentos da harmonia individual do vocabulo, torna-se manifesta a importancia da Phonologia no curso primario, mórmente no ensino da leitura.

Pelo aperfeiçoamento physico, moral e intellectual, poder-se-á fazer de uma criança um bom orador.

As bôas palavras vem das bôas idéas; as bôas idéas, dos bons sentimentos e os bons sentimentos, do coração. A verdadeira eloquencia é, pois, a que resulta dos sentimentos do orador e não do arranjo de palavras para armar effeito. Os grandes oradores são os grandes pensadores, disse Silva Jardim ao terminar o ensino da Phonologia Portugueza.

Capital, 15-IX-04

LUIZ CARDOZO.

### Fórma das lições de cousas

Em geral os professores, por mau conselho, pretendem inspirar-se, para fazerem suas lições de objectos, em outras lições já escriptas, que pretendem reproduzir, ou imitar.

Repare-se que nunca um orador apaixonou um auditorio com discurso copiado, ou estropiado, de

qualquer livro; falta ás suas palavras a vida, a originalidade, o sentimento.

Assim é o professor, quando, para fazer uma lição de objectos, vai copiar ou imitar.

E' nestes exercicios escolares que o professor mostra sua aptidão professional, ou sua negação para o ensino, em menos tempo e mais claramente. Em primeiro lugar tem quasi sempre o vicio da pretenciosidade litteraria, quer ser sublime, attingir a perfeição; em segundo lugar suppõe que os elementos para uma bôa lição de objectos estão fóra d'elle, quando é certo que, si não estiverem nelle, tambem não podem revelar-se na lição.

O professor sem aptidão genial, sem originalidade propia para taes lições, nunca, tentando practical-as, passará do ridiculo—nenhum ensino pode supprir a falta de naturalidade para as lições de objectos como tambem não pôde supprir a falta de estro para se fazerem versos. As leis que obrigam todos os candidatos ao magisterio a fazerem lições de objectos, obrigam a maioria delles a um acto necessariamente ridiculo e a maioria dos examinadores a julgarem mal de actos que não fariam melhor.

Quem pretender cultivar este genero de trabalhos escolares e aperfeiçoar-se nelle, deve ao menos attender aos seguintes preccitos:

1.º) O professor deve ter em vista alguns destes fins: ou fazer seus alumnos adquirirem o habito de observar os objectos racionalmente, contraprovando as impressões accusadas por uns sentidos,

com a actividade consciente de outros; ou habitual-os a exercicios de abstracção e concretisação, exprimindo e descrevendo objectos ausentes, ou recompondo objectos descriptos, com elementos por elles postos em conjuncto; ou, finalmente, para desenvolvimento esthetico da faculdade da imaginação, associando idéas e objectos.

A este respeito, convem ter presente tudo que se refere ao estudo das faculdades psychicas.

2.º) A linguagem deve ser chã; os objectos adaptados aos conhecimentos que os alumnos possam adquirir.

A este respeito, tenham em vista os prelectores que nas lições de cousas não se pretende crear sabios, mas só desenvolver a justa relação entre a intelligencia e os seus instrumentos organicos.

3.º) Não deve o professor principiar dialogando por perguntas, porque, para perguntar o que os alumnos sabem, a lição é inutil, para perguntar o que não sabem, é ridicula. Nem ha de começar por longa dissertação, pois nesse caso os alumnos cançariam cedo, estariam desatentos, e cahia-se na pretenciosidade inutil.

As lições de objectos bem feitas serão vivamente dialogadas, começadas por breve introdução do professor, dando em trechos curtas explicações categoricas, frias e curiosas.

*Abuso e superfluidade das lições de objectos.* — Ha em muitas pessoas o erro de a tudo chamarem lições de objectos, só pelo facto de nas lições de algumas discipli-

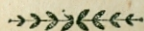
nas fazerem o ensino instrumental. O ensino da geographia com os mappas e esferas á vista, é ensino real ou instrumental, mas não constitue lições de objectos. Estas têm um fim determinado, convem que cada lição seja proporcionada aos objectos sobre que se dicreteia, e que cada série de lições tenha produzido o desenvolvimento integral e harmonico dos sentidos.

Si nos attivermos a que todo o ensino real ou instrumental constitue lições de objectos, abusamos do exercicio escolar, desorganizamos as aptidões de nossos alumnos, a ponto de conseguir que, perfeitamente desenvolvidos os instrumentos da intelligencia, esta haja ficado inerte e desaproveitada para trabalhos de maior ponderação.

Um artista não pode trabalhar bem, si não tiver as convenientes ferramentas, ordenadamente dispostas e apropriadas; mas si levar annos a preparar e ordenar as ferramentas, teve um trabalho superfluo, de nada lhe serviu.

Assim o professor, precisa empregar as lições de objectos, para educação dos orgams dos sentidos relativamente á actividade do espirito, como instrumentos deste; mas si no ensino tudo forem lições de objectos, na educação tudo se reduzirá a maravalhas—uma superfluidade sem proveito nenhum.

(Dos *Elementos de Pedagogia* por G. Afreixo e H. Freire).



## Pequeno tratado de leitura EM VOZ ALTA

—POR—

Ernesto Legouvé

—«:o:»—

CAPITULO II

A leitura como meio de critica

M. Sainte-Beuve, depois de uma longa conversação, em que eu tinha exposto minhas idéas sobre este assumpto, disse-me um dia: «Segundo vossa maneira de pensar, um leitor habil será tambem um habil critico.»

—Sem duvida: e, mais do que julgacs, dizeis a verdade.

De feito, em que consiste o talento do leitor? Em fazer sentir as bellezas das obras que lê: e para fazel-as sentir, necessario é que as comprehenda.

Mas, (e eis o que vae espantavos), foi seu trabalho para fazel-as sentir, que fel-o melhor comprehendel-as.

A leitura em voz alta vós dá um poder de analyse, que não conseguireis jamais com a leitura muda.» ( )

M. Sainte-Beuve pediu-me alguns exemplos; e eu citei-lhe o bello discurso academico de Racine sobre Corneille.

E' celebre esse discurso entre os homeus de letras. Elle encerra sobretudo uma passagem maravilhosa: é a comparação entre *Theatro Francez* antes e depois de Corneille.

Tinha eu muitas vezes lido em voz baixa, e admirado essa passagem; mas um dia, experimentando lel-a em voz alta, estaquei diante de uma difficuldade de execução, que surprehendeu-me, e levou-me a reflectir.

A segunda parte me pareceu pesada, e quasi impossivel de decifrar: eu sentia-me como amarrado ao coche de La Fontaine.

De feito, esta passagem tem dezeseite linhas; e estas dezeseite linhas não foram sinão uma unica phrase! E uma phrase sem a mais pequena pausa! Nada de pontos; nada de dous pontos; nada de ponto e virgula!

Virgulas somente, com entrelaçamento de incidentes, que se succedem e renascem a cada dobra da phrase, prolongam-n'a, quando a supponhais acabada, e vos obrigam assim a seguil-a, todo esbafo-rido, em todas as suas interminaveis sinuosidades.

Cheguei ao termo desse pedaço, arquejante, mas pensativo.

Porque razão, me interroguei a mim mesmo, escreveu Racine uma phrase tão longa e tão laboriosamente ordenada?

Instinctivamente dirigem-se meus olhos para a primeira parte do trecho.

O que vi então? Um completo contraste.

Sete phrases em nove linhas! Pontos de interrogação por toda parte? Nem um verbo! Um estylo entrecortado, desligado! Tudo em fragmentos, tudo aos pedaços!

Dei um grito de alegria; eu o havia entendido!

No intuito de exprimir os dous estados do theatro, Racine havia feito mais do que descrevel-os, elle os pintára.

Para representar aquillo que elle proprio chama o cahos do poema dramatico, emprega um estylo violento, abrupto, sem arte, sem transição!

Para reproduzir por meio de uma imagem sensivel, o theatro tal como Corneille o tinha creado, elle imagina um longo periodo, em que tudo se concatena e se sustenta, em que tudo é harmonia e unidade, um periodo, em fim, que, por seu laborioso arranjo, se assemelhe ás tragedias do autor de *Rodogune* e de *Polyucte*; o qual se deleita como se sabe, na combinação perfeita das situações e dos caracteres.

Com este fio na mão, voltei ao trecho, e li-o de novo.

Que o leiam tambem, e julguem.

«Em que estado se achava a scena franceza, quando Corneille começou a trabalhar?!- Que desordem! Que irregularidade!

Gosto nenhum; e nenhum conhecimento das verdadeiras bellezas do theatro.

Os auctores, tão ignorantes como os espectadores; a maior parte dos assumptos extravagantes e sem verosimilhança; nada dos costumes, nada dos caracteres; ainda mais viciosa do que a acção, era a dicção, cujo principal ornamento consistia nas expressões chulas e nos miseraveis *Calembourgs*:—em uma palavra, por toda parte violadas as regras todas da arte, até

mesmo as da honestidade e das conveniencias.

«Nesta infancia, ou, para melhor dizer, neste cahos do poema dramatico entre nós, Corneille depois de por algum tempo haver procurado o bom caminho, e luctado, se assim me posso exprimir, contra o mau gosto do seu seculo, inspirado, em fim, de um genio extraordinario, e, por sobre isso, ajudado da leitura dos antigos, fez apparecer a razão sobre a scena; porém a razão acompanhada de toda a pompa, de todos os ornatos de que é capaz nossa lingua; combinou com felicidade o verosimil e o maravilhoso; e deixou bem longe, para traz de si dodos os rivaes que tinha, cuja maior parte, desesperando de poder segui-lo, e não mais ousando disputar-lhe o premio, se limitaram a combater a opinião publica, que por elle se decidia, e tentaram em vão, com seus discursos e frivolas criticas, abater um merito, que não podiam igualar.

A prova me parece decisiva, e a demonstração irrefutavel.

E' evidente que, lido em voz alta, aquelle pedaço muda de aspecto: brilha com uma luz nova: o pensamento do autor apparece então claramente.

Deverei acrescentar que esta leitura offerece uma difficuldade, que é uma lição?

Na verdade, eu não conheço nada mais penoso e por conseguinte mais util, do que levar ate o fim aquelle periodo terrivel de dezeseite linhas, sem descançar uma só vez durante o caminho, sem

parecer fatigado, fazendo sempre sentir, pelas inflexões que a phrase não está acabada, de modo a deixal-a desenrolar-se em toda a sua amplidão, e em toda a sua magestosa flexibilidade.

Meus estudos de leitor foram-me assaz uteis naquelle dia; e duplicadas graças rendi então a esta arte, que, depois de me haver feito comprehender essa bella passagem, permittio-me fazel-a comprehender aos outros.

### O melhor methodo de ensinar grammatica

Ha mais de meio seculo, um pedagogista norte-americano fazia, sob esta epigraphe, uma critica muito sensata ao ensino da lingua nacional em pratica no seu paiz. Julgando-a applicavel a muitas das nossas escolas publicas e particulares, vamos transcrevel-a.

«Pode-se considerar a grammatica como a sciencia da linguagem.

Esta, em seu mais lato sentido, é o instrumento ou o meio de communicar idéas e sentimentos.

Entre os animaes inferiores, a linguagem é constituida por sons inarticulados; a linguagem humana é, porem, constituida por sons articulados e por signaes ou caracteres escriptos.

Os sons elementares e os caracteres que os representam se combinam para formarem as palavras.

Estas, por seu turno, se relacionam para representarem pensamentos e sentimentos.

O fim da grammatica é tratar dessas relações, fazendo conhecer principios communs a todas as linguas.

Os principios sobre que se funda a grammatica considerada como sciencia, não são arbitrarios ou variaveis, mas fixos e geraes. Induzem-se dos naturaes e permanentes phenomenos da linguagem, do mesmo modo que os principios da Philosophia Natural se formam dos phenomenos que a natureza nos apresenta.

O auctor de uma grammatica collige factos e estabelece os principios que constituem a sciencia da linguagem. O grammatico observa em qualquer lingua muitas classes de palavras da mesma natureza; a cada uma dellas dá um nome.

Por exemplo, palavras que representam cousas elle chama *nomes* ou *substantivos*; palavras que modificam o sentido dos objectos representados pelos substantivos, elle as denomina *adjectivos*; palavras que enunciam factos, se denominam *verbos*, e assim por diante.

Distinguir taes palavras é conhecer as partes do discurso.

Alem disso, estas classes de palavras de diversos modos se relacionam entre si e muitas vezes se modificam para exprimirem com precisão o que representam; donde se origina o que os grammaticos chamam *numero*, *caso*, *modo*, *tempo*, etc.

Assim como quem escreveu a grammatica, cada individuo tem oportunidade de observar taes factos e descobrir as mesmas relações.

O grammatico apenas reúne em compendio o que é accessivel a todos e, ao mesmo tempo, tão simples, que por todos pode ser aprendido e praticado; o seu alvo é levar os que estudam a fallarem e escreverem com clareza, elegancia e correção.

Quando se sabe usar bem da linguagem, ella se torna attrahente e é, de facto, o mais poderoso instrumento ao serviço da intelligencia.

Sem o estudo da grammatica, se empregarão palavras superfluas ou insufficientes ou que não significam o que se pretende dizer. Alem disso, palavras e sentenças serão mal collocadas e coordenadas, tornando assim obscuras ás idéas, inintelligiveis as proposições.

Bem sei que a trasmissão dos conhecimentos que constituem esta materia, tem sido considerada como difficil assumpto, especialmente quando se trata de lhes facilitar a acquisição aos espiritos infantis.

A maior das difficuldades, contudo, tem se originado mais do modo de ensinar do que da natureza deste ramo de saber; porque, quem pode distinguir duas cousas e observar o que nellas existe de semelhante ou dissimilhante, tem capacidade para aprender as generalidades da grammatica do idioma nacional.

Sei tambem quanta aridez e inutilidade têm os estudantes encontrado em tal materia.

A razão, porem, é das mais simples. Quando se trata de um alumno applicado elle apenas será capaz de repetir de principio a fim o que está escripto nos compendios.

Sendo assim, nada mais natural do que considerarem o estudo da grammatica como alguma cousa que devem conservar na memoria, e nada mais.

Gastam-se mezes e annos nesse exercicio de memoria e em fazer analyses com o auxilio do dictionario ou por meras conjecturas.

Que o ensino deve ser pratico não significa que o professor ha de reduzir o alumno a um automato.

Porque não habilitar este a conhecer, pela funcção da palavra, as partes do discurso? Porque não elevar o seu espirito á comprehensão das relações, das regras e definições que elle proprio poderá enunciar? Porque, nas analyses, não fazel-o chegar á certeza do que diz? Porque, depois, o não habituar a empregar o que aprendeu?

Ainda que os livros tenham defeitos, porque os melhores são sempre susceptiveis de aperfeiçoamentos, seja em suas definições ou coordenações, seja em suas adaptações aos espiritos infantis, ainda que ás vezes o alumno comece muito cedo a iniciar-se na applicação consciente do idioma nacional; a verdade é que a principal causa do insuccesso na aprendizagem

Pessoalmente observei a pratica do systema que agora recomendo e, portanto, não me firmo em uma concepção abstracta.

(A conclusão deste artigo virá no proximo numero).

## Anomalias grammaticae

### Barcaça -- Cambraiêta

Além das anomalias que apresentámos no nosso artigo sob a epigraphe acima, alvitrou-se-nos mais as seguintes: — *Barcaça*, menor do que *barca*; *cambraiêta*, mais grossa do que a *cambraia*. O primeiro vocabulo termina com a desinencia augmentativa=*aca*, e diminue a significação; o segundo termina com desinencia=*êta*, do deminutivo, e augmenta a significação, isto é, dá a idéa de uma cousa mais grosseira, mais espêssa=e portanto, maior. *Barcaça* e *cambraiêta* estarão no grau «pejorativo»?

Em forma vocabular temos a palavra *Anão*, que deveria exprimir cousa ou pessoa muito grande, pois termina em *ão*; entretanto, significa o contrario. Querendo nós dar grau a essa palavra, em relação aos diversos tamanhos de anões, diremos: — *anãoção*, *anãozinho*, *anãozito*, etc. ? São segredos esses da *Escriptura*, sim: mas da *Escriptura literal*, e tambem da *Leitura articulada*. O tempo irá desvendando esses segredinhos linguisticos...

Camocim, 19 - 1905.

Julio Cicero Monteiro

gem dos imprescindiveis conhecimentos grammaticae é não lhes explicarem, com methodo e clareza, principios, regras e definições.

Si alguns professores comprehendem o grande auxilio que ao alumno proporciona o conhecimento geral da grammatica, outros não a entendem elles proprios e, por conseguinte, não conseguirão dar o que não possuem.

Nada é, em nossas escolas, mais defeitoso do que o ensino da materia de que estamos tratando.

Em vez de acostumar os alumnos a escrever ou fallar machinalmente, ou de lhes exercitar a memoria, o professor deveria dirigir-se-lhes ao entendimento e ao que já tivessem assimilado.

Entendo que o estudo da grammatica assim ministrado é compativel com a capacidade das creanças que frequentam as nossas escolas de districtos.

Quanto aos pontos controversos da philosophia da linguagem, parece-me superfluo acrescentar que não serão ahi discutidos.

Não desejando apenas criticar, mas principalmente propor modificações uteis, descreverei aqui o systema, hoje adoptado por eminentes professores e que tem por si satisfactorias experiencias.

Tambem me coube por sorte encetar os meus estudos de grammatica como actualmente é feito e confesso que nada de aproveitavel pude aprender.

Para mim, como para meus collegas, foi sempre obscuro, incerto, aborrecido. O professor, por sua vez, o evitava tanto quanto era possivel.

## O TICO - TICO

(Conclusão)

Scena 6.<sup>a</sup>

*As mesmas, a vigilante, entrada e Tilcory.*

VIGILANTE (*entrando pelo jardim*)  
Approximem-se.

PRECEPTORA -- Bem vindo se-  
jaes.

TODAS = Que menino engra-  
çado.

MENDIGA -- Anda, meu filho.  
Vai brincar com aquelles anjinhos  
enquanto eu fallo a esta se-  
nhora.

TODAS -- (*chamando*) Venha...  
venha...

PRECEPTORA -- Vá, meu bom  
menino, vá. Deixa-me a sós com  
tua mamãe. (*Conversando baixo*).

TILCORY -- (*agarrado as vestes  
da mendiga*) Tenho fome... Dá-  
me uma codeasinha de pão. Tenho  
fome...

MENDIGA -- Socega, querido. Deus  
se amerceará de ti.

TODAS -- O coitadinho tem fo-  
me.

VIGILANTE -- (*aparte*) Pobre crea-  
tura! (*alto as meninas*) Meninas,  
tratem desse pobresinho.

NANETTE -- Vem cá, irmãosinho,  
que eu te vou dar um brinquedo  
bonito. Olha, vem cá...

TODAS -- Venha, venha. Olha,  
aqui temos doces, pão de lot,  
*bonbons*... Venha... venha...

TILCORY -- Tenho fome...

TODAS -- (*Repartindo os doces*)  
Coma, coma, meu amiguinho. De-  
pois vamos brincar.

NANETTE -- Eu te contarei a his-  
tória do Tico-tico, sabes? (*Saem  
todas com Tilcory*).

Scena 7.<sup>a</sup>

*A preceptora, a mendiga e a vi-  
gilante.*

PRECEPTORA -- Então esse inno-  
cente é orpham de pae e mãe?

MENDIGA -- Sim, minha boa se-  
nhora, não tem neste mundo nada  
seu. O pae morreu de um desas-  
tre e a mãe, pobresinha! fechou  
os olhos num catre de hospital.  
Tomei-o, então, para companheiro  
de minhas misérias e com elle  
ando de porta em porta implo-  
rando a caridade... migalhas de  
pão para saciar a fome e como me  
sinto cada vez mais fraca e pres-  
tes tambem a render minha alma  
a Deus, extenuada de canção, co-  
berta de andrajos, rota, esfarrapa-  
da, sem abrigo nem meios para  
aquecel-o do rispido inverno que  
impiedoso nos flagellava o corpo  
pelas estradas, onde a neve se  
amontoa, cahí exanime, morta de  
frio e medo á porta desta morada  
e a mão de Deus indicou-me, a  
sua voz ordenou-me que pedisse  
hospitalidade para o orpham de  
pae e mãe, caridade para a men-  
diga andrajosa que aqui está e um  
pedaço de manto para aquecer-me  
o frio...

PRECEPTORA -- Fizeste bem. Aqui  
neste recinto encontrarás tudo o  
que vos possa reanimar e alliviar a  
vossa dôr...

VIGILANTE -- E esse innocente  
como se chama?

MENDIGA -- Oh! minha senhora:  
esse innocente é um anjo dos que  
vivem na terra, pobresinho... O  
meu Tilcory é a aurora das mi-  
nhas alegrias, o luar dos meus so-  
nhos, o thesouro do meu amor...

Eu tambem fui mãe!... Gosei as  
ternas caricias de um verdadeiro  
filho, porém a Morte, a inexoravel  
Morte arrebatou-me de meus seios a  
joia do meu coração e a miseria  
extendeu suas garras sobre mim,  
desfigurou-me, trocou-me o roupão  
campestre por estes andrajos...  
A alegria fugiu de meu rosto que  
se cobrio de trevas, de tristeza; o  
sorriso voou de meus labios puros  
para não mais voltar e a desillusão  
cavou em meus olhos sepulturas  
de lagrimas e remorsos. Meu co-  
ração de moça voluvel queimou-se  
no ardor de uma paixão e della só  
restam cinzas. Tudo quanto me  
era doce outrora tem agora o travo  
amargo da cicuta... Já meus olhos  
não vêm na côr do céu a bonança  
de dias felizes, tudo são trevas e  
só trevas... desde que ingrata  
abandonei o lar paterno e muito  
tenho soffrido...

PRECEPTORA -- Coragem, minha  
filha, coragem. O arrependimento  
purifica a alma. Ainda poderás ser  
feliz...

VIGILANTE -- Dos arrependidos é  
o reino do céu...

MENDIGA -- Sim, arrependida es-  
tou desde esse dia fatal em que  
fugi do lar paterno guiada pela  
mão da fatalidade. Antes a aurora  
resplandecia risonha e bella, a co-  
tovia silvava por entre a matta  
que circumdava nossa pequena mo-  
rada como que saudando-me á pas-  
sagem... Hoje a luz fugiu do meu  
olhar perdido, só vejo a noite,  
eterna, muda, pesada e atra que  
me aterra como um phantasma,  
como a sombra do remorso que  
me atormenta e á minha passagem  
o mocho augurento pia, monotono

e triste. Tudo para mim acabou.  
E minha mãe morreu sem poder  
fechar-lhe os olhos... morreu sem  
estender-me a sua benção e sinto  
que sua mão, que outrora me  
guiava os passos na infancia, pesa  
sobre minha cabeça como um cas-  
tigo... O remorso atormenta-me;  
a fome avassalla-me; a sede de-  
vora-me e a saudade... a sau-  
dade canta dentro de meu coração  
e no espelho de minha alma se  
desenham dois bustos amados, duas  
sombas queridas: -- minha mãe  
e meu filho (*chora*).

PRECEPTORA -- Chora. A lagrima  
é o balsamo que purifica a alma  
angustiada, é o antidoto da dôr, é  
o refrigerio de um tormento...  
Chora, desabafa...

MENDIGA -- Meus olhos distillam  
dia a dia caudalosas torrentes de  
lagrimas. Sou como o cypreste que  
eternamente vive curvado ás cor-  
rentes impetuosas dos ventos con-  
trarios e que triste sacode suas  
ramas, farfalhando no ar taciturno  
do campo Santo, obumbrando de  
sombas as sepulturas dos que dor-  
mem esquecidos. Como elles, meus  
olhos velam por dous mortos no  
nada do esquecimento: -- minha  
mãe e meu filho. Bem desfigu-  
rada estou... Tudo, porém, fu-  
giu de mim: mocidade, belleza,  
conforto, tudo abandonou-me...  
Sou um repositario de maguas e  
lagrimas, de tristeza e lucto...  
Tudo esqueci... tudo abandonei,  
mas, debaixo destes andrajos, nesta  
nudez que me domina, nesta mi-  
seria que me aterra -- uma cousa  
ainda existe, pura, immaculada e  
sã, não desfigurada... O amor de  
mãe ainda não se afastou de meu

seio enregelado e viverá no meu coração, eterna, sempiternamente...

PRECEPTORA — Então essa creança?...?

VIGILANTE — Esse menino...

MENDIGA — E' o meu encanto. A iridiada alegria da minha vida errante e pobre. O meu Tico-tico, coitadinho, tão bom que elle é...

PRECEPTORA — Tico-tico?

VIGILANTE — Tico-tico?

MENDIGA — Assim é conhecido pelas aldeias e villas onde corre lesto e vivo, aqui e alli, de porta em porta, esmolando commigo... Deram-lhe esse appellido pela vivacidade que tem, pela ligeireza com que acode aos chamados de quem lhe estende a mão e porque, como esse passaro, vive a catar migalhas para o ninho...

VIGILANTE e PRECEPTORA (*aparte*) — Que coincidência!...

MENDIGA — Causa-vos surpresa o appellido do meu Tilcory?

VIGILANTE — Não. E' que...

PRECEPTORA — E' Deus que a envia, minha boa senhora, porque interesse-me por vós e pelo Tico-tico, como o appellidaes...

MENDIGA — Deus vos pague o bem que por nós fizerdes.

PRECEPTORA — Venha commigo, vou dar-lhe um vestido para mudar. Tu, Brigida, vai lá dentro e veste essa pobre creança com a roupa do filho do jardineiro, que morreu... Anda.

VIGILANTE — Sim, senhora preceptora... (*Sai*).

PRECEPTORA — Venha commigo. Esta casa de hoje em diante é sua, daqui não sahirá mais e nada lhe

faltar. Venha, que vou contar-lhe porque me interesse pelo Tico-tico...

MENDIGA — Vamos, minha boa senhora.

(*Saem conversando juntas*).

### Scena 8.<sup>a</sup>

*Nanette, as demais e Tilcory.*

NANETTE — Venham, venham, que vou contar a historia do Tico-tico.

TILCORY — A minha historia? Eu tambem chamo-me Tico-tico.

TODAS = Você?!...

TILCORY — Eu, sim. Olhem, eu vou cantar como é que me chamam. Escutem lá:

Em toda aldeia  
Em que me fico

A' bocca cheia  
Sou Tico-tico.

Esmolas peço,  
Migalhas pigo,  
A tudo apreço  
Dá Tico-tico.

Alegre sou  
Ao pobre, ao rico,  
A todo vou,  
Sou Tico-tico.

De casa em casa,  
De mão em mão,  
Não perco a vasa  
De pedir pão.

Ligeiro eu ando,  
Quasi enthísico,  
Sempre esmolando...  
Sou Tico-tico.

Não me lamento  
Si pobre sou.

Pois: tomem tento  
Que alegre estou.

Mãesinha sente  
Por mim paixão  
E está contente  
De minha acção.

Matem-me a fome  
Que estou rico,  
Nada consome  
Ao Tico-tico.

NANETTE — Ih! que bom. Vou pedir a senhora preceptora que não mande mais embora você, que nós tratamos de você, ouviu Tico-tico?

TILCORY — Eu já não quero sahir daqui. Aqui é tão bom, a gente não passa fome, não tem frio... olhem como estou bonito com esta roupinha, pareço um figurão... (*aviando-se*) olhem...

TODAS — Viva o Tico-tico, viva!...

TILCORY — Mas, eu fico aqui com uma condição, si vocês não mandarem mamãe embora, sim?...

Olhem, ih! eu sei uma porção de historias...

TODAS — Conta-nos, conta-nos...

TILCORY — Mas, mamãe fica tambem?...

TODAS = Fica... fica... conta...

TILCORY — E' a historia do soldado. Ouçam lá... é muito bonita!... Eu canto e quando tiver de tocar a corneta, vocês me ajudam... Sim?

TODAS — Sim, sim...

TILCORY — Lá vai:  
Na revolução  
Foi recrutado

Para soldado  
Um rapagão.

Vestiu a farda,  
Poz a mochila  
Logo na guarda  
Pondo-se em fila:

Elle a marchar vai já  
Não é nenhuma peta  
Trá-trá-trá, lá lá lá  
Ao som de uma corneta.

TODAS — Elle a marchar vai já,  
Não é nenhuma peta.  
Trá-trá-trá, lá lá lá  
Ao som de uma corneta.

TILCORY — Elle luctou  
Com muito ardor  
E disputou  
Muito louvor.

Soldado leal  
Se distinguuiu  
E a general  
Logo subiu.

Ordens transmite ja  
Com verdadeiro afan.  
Trá-trá-trá, lá lá lá  
Pan, pan, pan, rataplan.

TODAS — Ordens transmite já,  
etc.

TILCORY — Rufa o tambor  
Pan, rataplan.  
Cresce o rumor  
Pan, rataplan.

TODAS — Rufa o tambor,  
etc.

TILCORY — Tal não é peta  
Elle já está  
Trá trá lá lá

Toca a corneta.  
TODAS—Tal não é peta,  
etc.

TILCORY—Cheio de pó  
Apósolveu,  
Mettia dó  
O estado seu.

Trazia uma medalha  
E também o fitão  
Da cruenta batalha  
Perfeito galardão.

A patria, ardente, defendeu  
E volta, agora, todo ufano  
Na guerra, ousado, elle venceu  
Era um heroe republicano!

TODAS—A patria, ardente, defendeu  
etc.

TODAS—Viva o Tico-tico! Vi-  
va!

### Scena 9.<sup>a</sup>

*As mesmas, a Preceptora, a Mendiga e a Vigilante.*

Preceptora—(à Mendiga). Vê como é feliz, olhe, lá encontrou elle uma porção de irmãsinhas...

Mendiga—E' verdade. Nessa ida-de tudo é distracção. Só eu não encontrei minha mãe.

Preceptora—Descançe. Eu me esforçarei em fazer as suas vezes. Tu serás a minha filha...

Vigilante—Eu serei tua irmã...

Preceptora—E aquellos anjinhos, meus filhos e vossos irmãos.

Mendiga—Oh! graças... graças a Deus que encontrei um dia, na terra, um coração de Mãe... (abraça a preceptora).

Nanette—Senhora preceptora, o

Tico-tico fugiu, mas, este appareceu e não pôde fugir porque não tem azas.

TODAS—Viva o Tico-tico! Viva!

Tilcory—Mãmãe, eu não quero sahir mais d'aqui; sim?

Mendiga—Sim, meu filho. Agradeça a esta senhora e a Deus misericordioso que ouviu as minhas preces. Agora sou feliz.

TODAS—Senhora preceptora, ó senhora preceptora, o Tico-tico é nosso irmãosinho e não sae mais d'aqui; sim?

Preceptora—Sim, minhas filhas. Não vos disse ainda ha pouco que os anjos desciam a terra?...

TODAS—E' verdade...

Preceptora—Pois eu também tive o meu presente de Natal... Este menino—o Tico-tico—cahiu do céu...

TODAS (admiradas)—Ah!...

Preceptora—E' um presente de Natal. E' mais um anjo que desceu á terra para fazer-vos companhia. Agradeçam ao dia de hoje. Ao Natal!... O Tico-tico é vosso... Reparti com elle vossas alegrias e encantos e sêde felizes. Cantae, folgae, bailae a roda que hoje é Natal—e o nosso Deus menino é o Tico-tico.

TODAS—Viva o Natal! Viva o Tico-tico! Viva!

### scena 10.<sup>a</sup> e ultima

(Do alçapão sobe no meio do palco uma arvore do Natal e as creanças bailam ao redor). O fundo levanta-se, deixando ver num estabulo o Deus-menino cercado da Virgem e S. José. Anjos empunham trombetas. A estrella do oriente indica aos sete

*reis magos a estrada que seguem conduzindo presentes ao Senhor Menino. Luzes cambiantes. Apolheose.*

TODAS—Cantemos, louvemos

Ao bello Natal,  
Saltemos, folgemos  
A' luz etheral,

Que a nós nos dá vida!  
Cantemos, folgemos,  
Ao bello Natal  
A noite querida!...

Róda róda sem parar,  
Róda, róda sem temer,  
Nossa vida é como o mar,  
Sempre a crescer...

Róda, róda até morrer,  
Róda, róda até cançar.  
Nossa vida é como o luar,  
A esmaecer...

(Cai o panno lentamente).

FIM

### A Humanidade

Poema allegorico

por

Pedro de Mello

### A instrução

Ensinei-lhe a encarar sem  
medo o azul do céu.  
(A liberdade—  
PINHEIRO CHAGAS)

«Eu sou da intelligencia  
A flôrida expansão,  
Da sabia Experiencia  
Filha—sou a Instrução,  
Da Humanidade amiga  
E preceptora antiga.

*Rasgando da Ignorancia  
O denso, escuro véo,  
Ensinei-lhe na infancia  
A amar o azul do céu,  
O encanto da verdade...  
E a doce Liberdade.*

*São meus filhos amados  
=Artistas uns, geniaes,  
Ou sabios sublimados  
—Legião de immortaes!  
Outros... tantos! obscuros...  
Modestos, porém puros.*

*Nasci da linda Aurora  
No berço que reluz;  
A fronte scismadora  
Inmundou-me de luz  
Logo ao surgir no oriente,  
O sol resplandecente.*

*E, seu curso seguindo  
Em nobre emulação,  
Vim a luz espargindo  
Da civilisação:  
As trevas espanicando  
E as nações illustrando.*

*Egypto, 'Babylonia,  
Assyria, a commercial  
Phénicia, Macedonia,  
A Grecia sem rival!  
E Roma, a deshumana,  
Do mundo soberana.*

*Com genio e paciencia,  
A industria fundei,  
As artes, a sciencia...  
Um mundo emfim creei,  
Rival da Natureza  
Na copia e na belleza.*

*Em seu berço mesquinho  
A Humanidade vi;  
Com amor e carinho*



Em meus braços a ergui;  
E, beijando-lhe a fronte,  
Apontei-lhe o horizonte.  
Os passos vacillantes  
E incertos lhe guiei,  
Com cuidados constantes  
De irmã; e lhe indiquei  
Do brilhante futuro  
O caminho seguro.

Zelosa e providente,  
Ensinei-lhe a lavrar  
A terra e a semente  
Em seu seio lançar,  
Que na seara futura  
A abundancia assegura.

Paciente e engenhosa,  
A fiar e tecer  
Lhe ensinei cuidadosa  
E vestidos coser,  
Com que a nudez velasse  
E bem se agasalhasse.

E, como ao desabrigo  
Arrastava o existir,  
De um tecto o asylo amigo  
Lhe ensinei construir,  
Contra o tempo inclemente:  
—A chuva, o sol ardente.

Dois seixos percutindo,  
O fogo lhe accendi;  
E, minérios fundindo,  
O metal extrahi;  
De instrumento possante  
Armando-a nesse instante.

Das lettras do alphabeto  
—Invento singular!  
O sentido secreto  
Lhe ensinei decifrar:  
Mysterio tão profundo  
Que encerra um novo mundo!

No templo da Sciencia  
Com ella penetrei;  
E a recta consciencia  
No estudo lhe formei,  
—Da augusta Natureza  
Perscrutando a belleza.

Das artes peregrinas  
Inspirei-lhe o amor;  
E das graças divinas  
Ao fulgido esplendor,  
O gosto lhe educando,  
Artistas fui formando.

Assim, a passo lento,  
Dos sec'los atravez,  
Com siso, esforço e tento,  
Vendo a sangrar os pés,  
A conduzi contente  
Té o estado presente.

Oh! mas quantos espinhos  
Tivemos de soffrer  
Em tão rudes caminhos!  
Que salteado viver!  
Dos filhos da ignorancia  
Affrontando a arrogancia!

Emfim eis nos chegados  
A um marco secular!...  
E as plagas perlustradas  
Podemos contemplar:  
—Oceanos!... continentes!...  
Céos!... astros refulgentes!...

Oh! saudosa memoria!...  
O' Grecia! O' Mar Egeu!...  
Foi alli que na gloria  
Attingi o apogeu!  
Do sacro monte Olympo  
Ao céu de azul tão limpo!...

Inda a vejo radiante  
No bello Parthenon,  
Modelo deslumbrante

Do vasto Pantheon,  
De que Roma orgulhosa  
Se mostra tão vaidosa!...

Depois... somno profundo  
E um frio glacial  
Senti!... Toldou o mundo  
A noite medieval!...  
Fugindo então silente,  
Dormi profundamente!...

Passados nem sei quantos  
Seculos, despertei  
Dos menestreis aos cantos...  
Como alegre fiquei!...  
Despontava ness'hora  
Da Renascença a aurora.

Ergui-me jubilosa  
E fui banhar-me em luz,  
Aspirando sequiosa  
O bem que ella produz!  
Nova affeição querida  
Senti prender-me a vida.

Rompia a passarada  
O hymno matinal,  
Saudando da alvorada  
O encanto divinal;  
Ergue o sol no horizonte  
A magestosa frente!

Recomeçu o trabalho  
A faina secular...  
Brilham gottas de orvalho...  
A terra é um altar!...  
Ostenta a Natureza  
Das galas a belleza.

Eis do Progresso a festa  
—A grande exposição  
Universal!—E' esta  
Do trabalho a ovação,  
Na qual do engenho e arte  
Me cabe a bella parte.

Festa da intelligencia,  
A ella com ardor,  
Concorre a competencia  
O sabio, o inventor...  
Traz o artista um portento,  
O genio—um grande invento...

Traz Guttemberg a Imprensa,  
Fulgurante pharol,  
Cuja luz tão intensa  
Figura um novo sol:  
O sol da consciencia  
No mundo da sciencia.

Do oriente Flavio Gioia  
Traz essa singular,  
Maravilhosa joia,  
—Nova estrella polar—  
A Bussola admiravel...  
Invento inestimavel!

Com ella confiado,  
Por genial intuição,  
Vai Colombo arrojado,  
Rompendo a vastidão  
Do Oceano profundo,  
—Buscar um Novo-Mundo!

Com ella, victorioso,  
A' India chega emfim  
O Gama; e o brioso  
Magalhães vai por fim,  
Numa fragil corveta,  
Contornar o planeta!

## A Humanidade

«Foi bem longa o romagem!...  
Onde o termo, porém,  
Desta infinda viagem? ...»

## A Instrução

«Além!... Não vés além  
Brilhando no infinito  
Aquelle astro benedicto?...»

## A Humanidade

(Depois de fital-o)

«Bemdicto o sol fulgente,  
Que nos envia a luz!  
É a Instrucção ridente  
Que ao porvir nos conduz!  
Dois astros bemfeitores  
Irmãos nos resplendores!»

## O poeta

E gloria á Humanidade  
Por toda a eternidade!

## DOÇURA E BONDADÉ

PARA AS CRIANÇAS

Ha entre vós, meus filhos, indolentes violentas, que não sabem dominar-se, e que se deixam arrastar pelas primeiras impressões. E' um grande defeito, e urge emendal-o: conduz a desavenças, e á pratica de acções cujo arrependimento chega tarde. Citar-vos-ei dois casos, de que fui testemunha.

Um rapaz, sacudido violentamente por um homem que vinha diante d'elle, volta-se e dá-lhe uma bofetada.

— Oh, senhor, exclamou o outro, não sabe o remorso que vae ter! Bateu n'um cego!

— Um homem ainda novo, montado n'um burro, atravessava uma aldeia, e uns camponezes grosseiros começaram a apupal-o e a bater no burro para o fazer correr. O homem apeiou-se, foi direito a elles, e, mostrando-lhes a sua perna aleijada, disse-lhes:

— Se soubesseis que eu era coxo, não terieis sido tão covardes.

Os camponezes, envergonhados, córaram, affastando-se sem pronunciar palavra.

Que vos parece, estas duas lições? Estou convencido que aproveitaram a quem as recebeu.

**Guerra Junqueiro.**

## MILLIONARIO

— Nem tu podes imaginar donde venho, minha querida filha! Dou-te um, dou-te dous, dou-te... um milhão de beijos, se adivinhares. Mas é impossivel. Tu podes lá suppôr... Venho de vêr, maravilhado, a caverna de Aladino—a casa forte do banqueiro mais poderoso do mundo. Domina-me ainda a impressão do deslumbramento. Que riquezas accumuladas alli! Dariam, segundo me disseram, para sustentar uma guerra longa entre dous grandes povos, uma guerra em que morressem quinhentos mil homens! Offuscou-se-me a vista de aquellas montanhas de ouro. E as pedras preciosas que lá estão depositadas, os soberbos e purissimos brilhantes da India e do Brasil, as esmeraldas e os rubis de tamanho descommunal, as bellas amethystas, as opalas irisadas! Um conto de fadas, um sonho, um assombro!

— Que enthusiasmo o seu, papá! Acalme-se! Olhe que eu não lhe quereria mais do que lhe quero, se o papá tivesse essas riquezas todas... (*Senta-se-lhe no collo e afaga-o com subjugadora meiguice.*)

— Perdão! Eu falei assim para te ouvir. Se eu te tenho a ti, que mais poso desejar? (*Deliciado pe-*

los afagos): Não ha thesouros que valham os carinhos de uma filha...

V. de S. Boaventura.

## Flôres d'alma

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Tambem eu tenho umas flôres,  
Ingenuas como os amôres,  
Humildes como Jesus,  
Vicejam no mesmo galho,  
Banhadas do mesmo orvalho,  
Vivendo da mesma luz.

São pobres, mas engraçadas,  
Pelo orvalho aljofaradas,  
Ao despontar da manhã,  
E trescalam tal perfume,  
Que só a vida as resume,  
Colhendo-as com sancto asan.

No meio de tantas flôres  
Nasceram trez,—trez amôres!  
Uma... que linda, que é:  
Quando uma noite sem calma  
Perturba a luz de minh'alma  
Vem ella encher-me de Fé!

Outra, mais idolatrada,  
Por ser a mais almejada  
Dos corações sem bonança:  
E' que,—toda candura,  
Quando me foge a ventura,  
Vem me trazer a Esperança!

A ultima, que é a mais bella,  
A mais sublime e singela,  
De fragrante amenidade,  
Brotou do lenho da Cruz:  
Pois que do amor de Jesus  
Espargiu-se a Caridade!

Eu tenho, pois, essas flôres,  
Trez virtudes, trez amôres  
Trez idéas de Jesus:

Unidas todas num galho,  
Banhadas do mesmo orvalho,  
Vivendo da mesma luz!

Camocim. (Ceará)

Julio Cicero Monteiro.

(\*) Feita com os finaes de uma poesia sobre o mesmo assumpto, n'um torneio poctico,—em outubro de 1887.

## Opinião

Respondo ao illustre Sr. Arthur Breves:

## Escola Normal

Deve existir uma na capital, para a preparação de nossos mestres.

A sciencia synthetica deve ser a regra nesse estabelecimento de ensino.

Quer isto dizer que a Escola Normal não deve ter a pretensão de formar theoreticos ou praticos, conhecendo proficionalmente todas as sciencias.

Mas sua missão é enriquecer a intelligencia de seus alumnos com a philosophia de todas as sciencias.

Si o naturalista tem o dever de aprofundar a sua sciencia para classificar os seres, o professor não precisa senão de noções de historia natural para comprehender o homem.

Estudado o homem em suas funcções primordiaes, o professor só percorre a escala animal para conhecer as modificações dessas funcções importantes.

A respiração pulmonar, aprende elle, torna-se bronchial nos peixes tracheana nos insectos, cutanea nos infusorios.

E, seguindo esta marcha, só acidentalmente elle visitará as provincias mais remotas do reino animal.

Passando á pratica, affirmarei que já se nota neste paiz um certo movimento a favor dessas idéas.

*A Chimica geral* de Martins Teixeira é quanto basta para um professor primario.

Creio que ficou claro o meu pensamento sobre o que só deve entender por sciencia synthetica.

## Escolas Complementares

Reduzido a tres annos o curso dessas escolas, ellas prepararão professoras para as escolas isoladas, com um programma simplissicimo, reduzido á lingua materna (pela leitura e escripta), ao calculo arithmetico (quatro operações sobre inteiros e frações), calculo geometrico (medidas de superficies e volumes), geographia e historia do Brazil.

## Organização escolar

Classificaremos as escolas em isoladas e grupos escolares.

As escolas isoladas serão providas só por professoras e ministrarão elementos da lingua materna, do calculo arithmetico e geometrico, da geographia e da historia do paiz.

Os grupos escolares terão um programma mais vasto: a instrucção integral.

A organização de um programma dessa natureza ha de ser obra dos mestres, daquelles que possuem

muita sciencia e muita philosophia.

Não póde ser confiada a qualquer pretencioso, porque é um problema tão difficil como o da classificação dos conhecimentos humanos.

Si o governo me pedisse um programma, eu chamaria a sua attenção para o trabalho collossal do eminente sr. Carlos Barlet.

## Nomeações de professores

Todas as nomeações deviam ser obtidas por concursos sabiamente organizados e feitos com o maximo escrupulo.

Não temos outro meio mais pratico para julgar da competencia dos candidatos, nem outro aguilhão mais forte para obrigar o professor a estudar.

O que faz a grandesa intellectual da China, um paiz notavel, que resiste em nossos dias á invasão européa, é serem todos os cargos obtidos por concursos; e o letrado chinês não abandona os livros, porque sabe que só o estudo lhe facilitará as posições invejáveis.

## Ordenados

Si o Estado não pode remunerar generosamente os professores publicos, crie ao menos asylos para os orphans dos professores onde elles possam conquistar uma profissão, e dê preferencia ás viúvas para os empregos no telegrapho, no correio e nas secretarias.

## Administração

A administração do ensino ficará a cargo do inspector geral, auxiliado pelos inspectores escola-

res, e só compete ao governo a sancção dos actos desse conselho administrativo.

## DISCIPLINA

A pena de demissão será imposta por um jury de professores, sorteados dentre os do quadro, deante das provas fornecidas pela inspectororia do ensino.

Todas as outras penas são da competencia do inspector geral e seus auxiliares.

## APOSENTADORIA

Vinte annos de exercicio effectivo dão direito á aposentadoria com todos os vencimentos.

## ENSINO PROFISSIONAL

O governo concederá favores especiaes aos religiosos que estabelecerem no Estado escolas praticas de agricultura e de outras industrias.

Indaiatuba, 25 de julho de 1904

Carlos de Escobar.

## CANÇÃO ESCOLAR

### I

*Na escola, nessa colmeia,  
Que nos prende e nos seduz,  
A creança sempre aneia  
Beber os favos da luz!*

### II

*Somos pequenas abelhas  
Que adejam de flôr em flôr,  
Colhendo canções vermelhas  
Acrisoladas no amor!*

### III

*O dia já levanta . . .  
Já se accendeu o arrebol!  
Oh! quanta alegria quanta!  
Saudando a vinda do sol!*

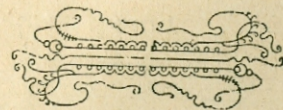
### IV

*No esplendor da Natureza  
Beba-se a calma e a doçura . . .  
Serão fontes de riqueza  
Na nossa vida futura!*

### V

*O canto infantil consola  
E nos augmenta o vigor.  
A creança é para a escola  
Como o aroma é para a flôr!*

Antonio Peixoto



# Canção Escolar

— AO COLLEGA —

Antonio Peixoto Musica de José Carlos Dias

*Andante*

*Introd.* *f.*

*Canto*

*f.*

Na es-co-la, nes-sa col - - mei - - a. Que nos pren-de e nos se - - - - - duz.

*Piano*

*Rall.*

A crean-ça sem-pre an - cei - - a Be-ber os fa-vos da luz!

*mf*

Na es-co-la, nes-sa col - - mei - - a. Que nos pren-de e nos se - - - - - duz.

*p*

A crean-ça sem-pre an - cei - - a Be-ber os fa-vos da luz!

*D. C. S.*

## Noticiario

Terminando com o presente numero o 3.º anno de publicação da «Revista de Ensino», prevenimos aos srs. assignantes que nos devem enviar adeantadamente a importancia de suas assignaturas, para não haver interrupção na remessa, caso desejem continuar a recebel-a.

### Corrigenda.

No artigo *Anomalias Grammaticaes*, do nosso distincto collaborador Julio C. Monteiro, sahiram algumas incorrecções typographicas, que passamos a rectificar.

A' pag. 469, 2.ª columna, deve-se ler—*se devendo, obscenos*, em vez de *devendo, obsceno*.

A' pag. 470, 1.ª columna, onde está *sobre redundancia, entendendo, pequenininho, objectivo* = deve-se ler *soffre redundancia, pequenininho, entendemos, adjectivo*, etc.

### Transcripções.

A *Comarca*, de Mogy-mirim, honrou-nos com a transcripção do artigo de fundo do n.º 5 da nossa Revista.

A *Tribuna Popular*, de Itapetininga reproduziu em suas columnas o artigo do nosso illustre collaborador prof. Benedicto Americo Brasileiro, sobre victalicidade dos professores.

Tambem o *Correio de Botucatu*, transcreveu os artigos de fundo dos ns. 4 e 5 da Revista de Ensino.

### Publicações.

Recebemos os seguintes impresos:

*Boletim* da Secretaria de Agri-

cultura, Viação, Industria e Obras Publicas do Estado da Bahia, correspondente aos mezes de maio e junho.

*Revista Didactica*, da Capital Federal. Traz escolhida collaboração.

*Revista Polytechnica*, orgam do Gremio Polytechnico de S. Paulo.

*Jornal de Limeira*, bem redigido periodico que appareceu na cidade de Limeira.

*Santa Cruz*, revista do Lyceu do Coração de Jesus.

*Quinze de Novembro*, publicação commemorativa do 1.º anniversario do «Gremio Litterario João Lisbôa, de Codó (Maranhão).

*Boletim de estatistica demographo-sanitaria* do Estado de S. Paulo.

*O Itapirense*, que começou a publicar-se na cidade de Itapira.

*Os Novos*, boletim da Officina dos Novos, de S. Luiz do Maranhão.

*Gazeta Clinica*, desta capital.

*Biographia* do ex-professor publico capitão Torquato de Toledo, por Elpidio Leite, destacada da Revista do Instituto Historico de S. Paulo.

*A Luz*, jornal maçônico da Loja Caridade, 2.ª, de Therezina.

*Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, volume VIII.

*A Escola*, revista official de ensino, do Pará, n. 56, volume X.

*Revista Militar*, publicada sob a direcção do Estado Maior do Exercito.

*Relatorio* n. 8 da Sociedade Beneficente dos Empregados da S. Paulo Railway.

*La Ensenanza Primaria*, quinzenario pedagogico, orgam do Collegio de Professores Normalistas do Mexico, ns. 16 e 17.

### Exercicios de numeração.

Tal é o titulo de um folheto de que é auctor o sr. F. Pinto de Abreu, professor no Estado do Rio Grande do Norte.

Estes exercicios, «destinados a preceder o estudo das taboadas e a pratica das operações fundamentaes», não obedecem ao melhor criterio pedagogico.

Na primeira parte do folheto, tracta-se de dar ás crianças, por um processo empirico e hoje em desuso nas escolas modernas, o conhecimento dos numeros e seus nomes, sem dar-lhes noção exacta dos numeros simples e compostos.

Na segunda parte, vêm expostos os principios da numeração falada e da escripta, mais ou menos como se encontram em qualquer compendio de arithmetica elementar, não havendo, portanto, innovação alguma para o ensino nessa parte do *novo metodo pratico e facil* do sr. Pinto de Abreu.

Agradecemos a offerta do exemplar com que nos obsequiou.

### Porque?

A Associação Beneficente do Professorado Publico dirigiu ao director do *Diario Official*, em 27 de janeiro, o seguinte officio:

«Illustre cidadão director do *Diario Official* do Estado de São Paulo:

De ordem do sr. presidente desta Associação, peço-vos o obsequio de nos informar o motivo porque o

sr. gerente das officinas dessa folha devolveu os originaes para o n. 6 da *Revista de Ensino*, negando-se a fazer a composição e impressão da mesma, porquanto, até esta data, não recebemos communicação alguma do exmo. sr. secretario do interior, revogando a auctorisação concedida, a titulo de subsidio, por officio do secretario do interior. exmo. sr. dr. Bento Pereira Bueno, para que a citada *Revista* fosse impressa nessas officinas.

Saude e fraternidade.

O 1.º secretario,

*Antonio Pereira Baptista.*

Em resposta a este officio recebi a carta seguinte, datada de 30 de janeiro:

Illmo. sr. Antonio Pereira Baptista, D.D. 1.º secretario da A. Beneficente do Professorado:

Recebi vosso officio, com data de 27 do corrente, e tenho a informar-vos que a composição da *Revista de Ensino*, que era feita nas officinas do *Diario Official*, foi suspensa por ordem da Secretaria do Interior.

Com estima e consideração,

Vosso Atto. e Cro.

*Horacio de Carvalho.*

### Arithmetica.

Do Ceará recebemos um compendio de arithmetica dividido em duas partes — uma theorica, outra pratica.

E' seu auctor o intelligente professor Odorico Castello Branco.

No proximo numero começaremos a tratar desse trabalho, mas

desde já podemos adiantar que elle é uma prova irrecusavel da dedicação e estudos do seu auctor.

## Chronica estrangeira

De Revistas e Jornaes.

### Estados Unidos

#### Lucta contra o analfabetismo

O departamento escolar municipal de Nova York continuou com mais vigor, o anno passado, a guerra contra a resistencia á instrucção obrigatoria, e começou augmentando o numero de inspectores escolares.

Terminado o 5.º anno do curso elementar e mediante declaração de idoneidade legal para o trabalho feito pelo Conselho de Sannidade, todo joven menor de 16 annos deve frequentar a escola incondicionalmente, sob pena de 2 annos de escola correccional para o alumno, ou multa de 2 a 50 dollars para a familia, conforme a resistencia que fôr offerecida por aquelle ou por esta.

De 1 a 15 de Outubro os inspectores escolares enviaram, presos por 2 annos, á *Truant School*, 40 jovens; diversos chefes de familia foram multados e um, o mais recalcitrante, foi encerrado na prisão por 5 dias.

#### Impressões do Dr. Thompson

Com a devida venia do illustrado P. P., collaborador do *Estado de S. Paulo*, transcrevemos as impressões do dr. Thompson, publicadas naquella folha.

« Ao deixar o governo do seu

paiz, o judicioso Washington, num celebre manifesto de despedida, aconselhou aos seus concidadãos que cuidassem de instruir a massa popular para terem o verdadeiro regimen democratico.

Nem um só momento o grande povo esqueceu a sensata recommendação do seu primeiro presidente e mais venerado vulto historico. Consagrou-se com afan á laboriosa tarefa de crear um admiravel systema educativo, hoje seu maior orgulho e modelo para todo o universo. Imprestou de Velho Mundo mestres afamados, examinou e comparou os melhores methodos estrangeiros e tirou de cada nação o que lhe pareceu mais perfeito e mais util. E em todos os pontos do seu vasto territorio, nas cidades e nos campos, nas aldeias e nos desertos, nas praias e nos montes, elevou escolas primorosas, onde gerações successivas são carinhosamente educadas no amor ao saber, ao trabalho e á liberdade.

Foi essa maravilhosa organização do ensino popular que um illustrado patricio nosso, o sr. dr. Oscar Thompson, procurou estudar na sua recente viagem aos Estados Unidos, como director da nossa Escola Normal. Olhos ávidos por vêr, ouvidos attentos para ouvir, intelligencia preparada para comprehender, o distincto profissional percorreu diversos Estados norteamericanos com tão louvavel e patriotico intuito. Depois foi apreciar o extraordinario certamen de S. Luiz, onde teve o triste ensejo de verificar, no tocante á instrucção, um doloroso contraste entre o nos-

so paiz e outros menores e menos ricos...

Que observou o dr. Oscar Thompson na sua proveitosa excursão? É o que elle se prestou gentilmente a dizer-nos, a pedido nosso, para habilitar-nos a satisfazer a natural curiosidade dos leitores. Para este fim lhe formulámos varias perguntas, ás quaes o digno director do nosso instituto normal respondeu assim:

—Qual a impressão que trouxe da visita aos estabelecimentos de ensino dos Estados Unidos?

—Excelente. Ella excedeu a minha expectativa, e para lhe dar uma pallida idéa dos estabelecimentos de ensino da grande Republica Americana, peço attender-me por alguns minutos.

Conhecia as escolas americanas através dos livros, mas longe, muito longe estava meu espirito da realidade. A leitura do relatório de Buisson, chefe da comissão franceza, encarregada de estudar o ensino naquelle paiz, por ocasião da exposição de Chicago, impressionára-me devéras, porquanto elle encerrava seu bello trabalho, tecendo os maiores elogios ás escolas dos yankees. E Buisson tinha razão, como pude verificar em S. Luiz, no grande certamen internacional, onde se me offereceu ensejo de cotejar os processos educativos e resultados das escolas americanas com as escolas estrangeiras.

Talvez só as escolas da Alemanha e da Suecia sejam, em alguns respeitos, superiores ás escolas americanas.

Durante a minha excursão pedagogica não sei o que mais ad-

mirei na America do Norte: — se os bellos e grandes edificios com capacidade para conter milhares de alumnos, levantados em cada districto, tanto das grandes como das pequenas cidades, com salas espacosas, claras e bem ventiladas, dotadas de mobilia de primeira ordem, ou se o preparo e dedicação do corpo docente, ou se a acção energica mas benefica e animadora dos encarregados da direcção e fiscalisação do ensino.

Por toda a parte meus olhos não se cansaram de ver amplos e confortaveis edificios para jardins da infancia, para as *primary, grammar, high schools* e para as universidades, — todos elles montados com capricho e satisfazendo as mais exigentes regras de hygiene.

Os candidatos ao magisterio são educados com uma solicitude admiravel. Mas, para ser professor não basta ser diplomado pela Escola Normal. O futuro mestre deve passar através da *Training School*, onde desce á posição de creança e executa, como ella, todas as partes do programma preliminar. Então comprehende elle quão ardua é a sua tarefa, e que «uma difficuldade de cada vez é bastante para uma creança», pois seu espirito ainda tenro assimila o que póde e não na medida dos desejos do professor. E o diplomado, depois deste traquejo, tem a sua collocação, onde vae aproveitar intelligentemente o dia escolar, leccionando de modo a não sobrecarregar o alumno de trabalho e a não lhe dar tarefa nas horas em que seu espirito deve repousar.

O diploma, na maioria dos Estados, garante-lhe somente a posição por um anno, e só depois de verificado que o joven mestre exerce o cargo com dedicação e enthusiasmo, é elle nomeado por mais tres annos.

Se durante este ultimo periodo revelou-se um professor habil, trabalhador e dedicado, é então declarado effectivo.

Noutros Estados, como em Kansas, os professores são reconduzidos annualmente, pondo-se fóra do quadro os que não são entusiastas pelo ensino.

A professora, por habito inveterado no povo, deixa o magisterio quando se casa.

Em toda a parte trabalha-se muito, não para cumprir simplesmente um dever, mas trabalha-se com muito amor e enthusiasmo pelas coisas do ensino. O professor é um escravo da escola, comprehendendo perfeitamente sua missão: = *vive da escola e por isso vive para a escola.*

Faz questão de illustrar-se e de melhorar os processos de ensino, sua preocupação constante.

Para esse fim aproveita quasi sempre as férias e dirige-se ás cidades ou ás famosas universidades, onde sabe que uma notabilidade pedagogica professa ás melhores theorias e processos educativos.

Promove congressos pedagogicos que se succedem de um modo espantoso. Ora são elles de professores do Jardim da Infancia, ora de professores das *primary, grammar, high* e escolas *normaes*, ora de directores do ensino, de pro-

fessores de universidades, e todos, neste afan em busca da verdade, procuram estudar, discutir e aperfeiçoar o systema escolar. Assim, desde os jardins de infancia até as escolas para alumnos *normaes* até as escolas para os *anormaes*, os cursos, os programmas, os horarios e os processos do ensino preocupam deveras a atenção dos mestres.

Trata-se da educação intellectual, moral e physica do alumno com o mesmo interesse, e em todas as escolas estão ellas perfeitamente equilibradas.

Tambem, em todas as escolas, os cursos praticos estão ao lado dos cursos theoreticos. E ahí está o caracteristico principal da educação americana.

A gymnastica, que tem seu inicio no Jardim da Infancia, é concluida no ultimo anno da Universidade, seja qual fór o curso que o alumno frequente.

A coeducação é geralmente adoptada. Os alumnos, meninos e meninas, moços e moças, marcham em commum para a escola, sentam-se uns ao lado dos outros, em commum tomam parte nos exercicios gymnasticos e nas excursões escolares, reinando sempre entre elles muita ordem, e muito respeito e atenção para com as collegas.

O povo, rico ou pobre, dá preferencia á escola publica, já pela excellencia do ensino, já pela atenção e carinho dispensados ás creanças. O candidato á matricula nunca é recusado, quer haja ou não vaga. Se a lotação escolar está completa, o director da escola re-

quisita da Superintendencia do Ensino — uma pequena sala de madeira (*portable building*), que é armada em qualquer canto do recreio ou do jardim, e o mestre, nomeado interinamente, alli permanece emquanto dura o excesso ou a plethora de alumnos. Muitas vezes o grande edificio escolar do bairro ou do districto torna-se insufficiente para conter a população infantil que, por qualquer motivo, se desenvolveu repentinamente, não dando tempo ás autoridades de providenciarem sobre a reabertura de outra escola. Neste caso, dividem-se os alumnos em duas turmas, a primeira frequenta a escola no periodo da manhan, a segunda, no periodo da tarde, mas dirigida e ensinada pelo mesmo pessoal.

Assim, ninguem fica sem instrucção, nem ha descontentamento contra as autoridades escolares.

Ha, é verdade, uma educação abaixo do padrão commum, mas não ha queixas, porque nem se favorece uma parte da população do districto, ministrando-lhe uma educação pouco vulgar, e nem se deixa a outra mergulhada em profunda ignorancia.

— Dos Estados norte-americanos em que esteve, qual possui melhor organização de ensino publico?

— E' difficil responder em poucas palavras. Visitei e estudei a organização do ensino dos Estados de Nova-York, Massachussets, Missouri e Illinois. Em todos elles, a organização geral é a mesma.

O ensino publico está dividido em quatro graus: 1.º *Kindergarten*, 2.º *Primary School*, 3.º *Grammar School*, 4.º *High School*, além

da divisão de escolas para alumnos normaes (os são de espirito e de corpo) e para os anormaes, isto é, os cegos, surdos-mudos, aleijados, os de intelligencia fraca, epilepticos, incorrigiveis, etc. Os jardins, com um dois ou tres annos de curso, as outras escolas com quatro cada uma. A *Primary* é a nossa escola primaria ou grupo escolar; a *Grammar* é a complementar e a *High*, tambem com quatro annos de estudos, corresponde ao nosso gymnasio.

Até a *High School* o curso é igual e uniforme para todos os alumnos, mas della em diante os cursos subdividem-se de accôrdo com a profissão que o alumno pretende abraçar para o futuro.

Della, pois, saem os alumnos diplomados e promptos para a matricula em qualquer Academia ou Universidade. No mesmo edificio, em geral, funcionam o *Kindergarten*, a *Primary* e a *Grammar School*, em outrós estão as *High School*, em classes repletas de moços e moças.

Cada universidade americana parece uma verdadeira cidadella: *Haward University* com 68 edificios, occupa uma área de 420 acres, com 4.700 alumnos e 700 alumnas: Yale, Columbia, Missouri e outras assombraram-nos.

Algumas pertencem ao Estado; outras, ás associações religiosas, catholicas ou protestantes; outras, ás associações seculares.

(*Continua no proximo numero da "REVISTA"*).

**ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE**

BALANCETE DO TRIMESTRE FINDO

ACTIVO			
Saldo do anno anterior . . . ; . . . , .	12.	661.	293
Jóias, mensalidades, diplomas, etc. . . . .	3.	040.	000
Letras resgatadas . . . . .	1.	993.	000
Auxílios restituídos . . . . .	2.	638.	300
Cheque recebido . . . . .		500.	000
Preparo de papeis (recebidos). . . . .		29.	900
<i>Vales e letras a receber:</i>			
Firmados antes de 31 de Dezembro de 1904 .	15.	471.	660
„ de 1 a 9 de Janeiro do corrente anno .	1.	943.	000
„ „ 10 de Janeiro em diante . . . . .	3.	728.	300
	42.	005.	453

S. E. ou O.

São Paulo, 31 de

O Thezoureiro

**J. F. Marcondes Domingues****DO PROFESSORADO PUBLICO**

EM 31 DE MARÇO DE 1905.

PASSIVO			
Auxílios condicionaes concedidos . . . . .	5.	671.	300
„ definitivos . . . . .	2.	676.	680
Sellos e estampilhas . . . . .		97.	400
Saldo do ex-thezoureiro . . . . .		29.	300
Letras reformadas . . . . .		20.	000
Preparo de papeis de associados . . . . .		66.	900
Publicações pela imprensa . . . . .	1.	402.	400
Pagamento a empregados . . . . .		571.	000
Porcentagens ao cobrador (em Março) . . . . .		58.	900
Em poder do delegado social de Ubatuba . . . . .		4.	000
Despezas geraes . . . . .	1.	010.	562
Letras e vales a receber . . . . .	21.	142.	960
Dinheiro em caixa . . . . .	9.	254.	051
	42.	005.	453

Março de 1905

O Presidente

**Arthur Breves**



## Obras didacticas do

Dr. Benevides

Lições de Historia da Civilização (2.ª edição) — 1 vol. cart. 5\$000;  
 Lições de Historia do Brasil (1.ª edição) — 1 vol. cart. 3\$000 rs.;  
 Resumo de Historia do Brasil (3.ª edição) — 1 vol. cart. 1\$000 rs.  
 — Editores: N. Falcone & Comp.  
 — A' venda, em todas as livrarias, em S. Paulo e na Capital Federal.

Apreciações da  
imprensa

*Diario Popular* — S. Paulo: «Do Dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas lições de Historia do Brasil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introduccão*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brasil; *Tempos coloniaes*; a *Monarchia*, sob o 1.º e o 2.º imperio; e, finalmente, a *Republica* — de 15 de Novembro até a presidencia do eminente Dr. Prudente de Moraes. A parte primeira está minuciosamente tratada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional; a ultima parte é uma simples resenha de factos. O estylo é sobrio, adapta-se ao ensino das intelligencias que ainda não estiverem preparadas para as generalisações nem para os conhecimentos de alcance philosophico. E' proprio de um livro elementar, e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacio-

nal e as conquistas liberaes da opinião popular».

*Jornal do Commercio* — Rio: «O Dr. Benevides organisou e publicou um volume «Lições de Historia da Civilização» (1.ª edição) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de historia geral, é um dos melhores que possuímos».

*O Commercio de S. Paulo*: «Lições de Historia da Civilização, organisadas pelo Dr. Benevides, lente da cadeira de historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos — podemos afirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico e á educação nacional».

*A Gazeta de Piracicaba* — «Tem o titulo de «Lições de Historia da Civilização» o livro recentemente escripto pelo Dr. Benevides, cujo recebimento já a *Gazeta* noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo mental».

5 de Maio de 1905

Impresso na Typ. GUIMARÃES

Rua dos Protestantes, 9

TELEPH. 1034

Preços  
modicissimos.